

COSTA-SACADURA

Subsídios para a História das  
Maternidades de Lisboa



Enfermaria de Partos de Santa Bárbara



*reproduzido*

Lisboa  
1939



No muito obrigado Professor J. Henrique de Lisboa

grate homenagem //

*[Signature]*  
28-III-540

Subsídios para a História das  
Maternidades de Lisboa



Enfermaria de Partos de Santa Bárbara

Sala 9  
Est. 2  
Tab. 86



COSTA-SACADURA

Subsídios para a História das  
Maternidades de Lisboa



Enfermaria de Partos de Santa Bárbara



INSTITUTO DE CARVALHOS

IC  
MNCF  
618  
SAC

Lisboa  
1939

QUESTÃO DE MATEMÁTICA

Subsídios para a História das  
Matemáticas de Lisboa

A

Augusto Monjardino

Lisboa  
1939

*Meu caro Augusto:*

*Quem um dia quizer fazer a História das Maternidades de Lisboa há-de focar e traçar bem o teu perfil, sobretudo quando se refira àquêlê período que vai de 1 de Agosto de 1914 a 5 de Dezembro de 1932, dia grande, pois foi o da inauguração da mais completa, mais bela e mais bem apetrechada Maternidade de Lisboa e de Portugal, Maternidade que desde esta última data tem funcionado, até hoje, sob a tua firme e prudente direcção.*

*Quizeste, durante êsse tempo, escolher-me para teu colaborador. Era natural. Havíamos, quando estudantes, acamaradado na Escola Médica, embora um ano de curso nos separasse. Sofremos juntos as cólicas de um concurso para Cirurgiões do Banco, em que tu ocupaste com justiça o primeiro lugar, o Feyo e Castro o segundo, eu o terceiro, e o sétimo o nosso querido e saudoso Carlos França. Inauguramos no dia 1 de Janeiro de 1900 — já lá vão quási quarenta anos! — o nosso consultório na Rua do Carmo, onde sempre vivemos no melhor entendimento e amizade. Eramos amigos. Porque não devia ser teu colaborador?*

*Além disso, a Ginècologia e a Obstetrícia tinham-nos unido, também. Já em 1906, no XV Congresso Internacional de Medicina, em Lisboa, fomos os dois (médicos já, e moços) secretários adjuntos do secretário responsável, o douto Prof. Daniel de Matos, de Coimbra. Era dessa secção presidente o Prof. Cândido Pinho, do Pôrto, e Vice-Presidente o nosso dilecto Prof. Alfredo da Costa.*

*Depois, durante a minha actuação no Hospital de S. Luis dos Franceses, que juntamente com o Prof. Cabeça transformei numa clínica, foste para mim o melhor dos companheiros. Fóra do teu serviço hospitalar, era ali o mais vasto campo das tuas*



operações particulares, no auge da minha e da tua clínica. E muito me embevecia de ver a perfeição, a precisão, a segurança da tua técnica. Constituiu isso, para mim, o maior dos prazeres espirituais e profissionais, tão grande que sendo ali sempre o teu ajudante e estando-me reservados naturalmente os casos mais fáceis, preferia, em vez de trabalhar, entregar-te os meus doentes só pelo agrado que tinha em ver-te operar. Esquecia-me do que eram as minhas obrigações — e também as minhas devoções — e só me reservava as operações hospitalares.

Assim, pouco a pouco, insensivelmente, te fui confiando e te foste incumbindo de quanto se reportava à Ginècologia, e eu fui-me ocupando da Obstetrícia, seguindo os mestres do tempo — o Prof. Alfredo da Costa, primeiro, e depois o Prof. Moreira.

Houve uma diferença entre nós; tu ficaste mestre em Ginècologia, e eu limitei-me a calcurriar na Obstetrícia. Mas isso não alterou a velha amisade, sem mácula nem sombra, que, durante quási meio século, quer nas horas alegres quer nas horas tristes da vida, sempre ligou os nossos corações.

Naquele período longo em que se arrastou, com sorte vária e dotações miseráveis, a construção da Maternidade Dr. Alfredo da Costa, sempre me encontraste a teu lado quando pedias o meu parecer, parecer no entanto — justo é dizê-lo — que só foi pedido e dado em assuntos relativos á elaboração do plano e depois a respeito dos trabalhos de instalação. Porque no difícil e desalentador período da construção, só tu, só o teu prestígio, a tua autoridade e a tua paciência conseguiram levar a cabo a tremenda tarefa.

Ao lembrar estes factos, é de notar e registar a nota de generosidade americana, dada por êsse bom Rovisco Paes, que tanto contribuiu para solucionar o problema da construção.

E é de salientar ainda, e acima de tudo, a circunstância de entre todos os Presidentes do Conselho que nos governaram entre 1914 e 1932 só haver um — Salazar — que sentiu e compreendeu



a necessidade de completar essa obra, que hoje bem se pode afirmar ser obra de maravilha.

Contudo, a tua acção na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, que bem merece a admiração e o agradecimento de todos os portugueses, ganhou maior vulto e é digna de ser realçada, no momento em que foi preciso pôr essa máquina a funcionar. Tu, que nas agruras e fadigas te viras isolado, no momento em que se requeriam posições e lugares, foste rodeado imediatamente de amigos e só a tua bela tenacidade, a tua intransigência, o teu carácter, puderam resistir ao assalto em forma. Contavam-se por centenas ou por milhares os pretendentes de ambos os sexos aos vários cargos. Os pretendentes «a qualquer coisa», êsses eram mais do que as estrêlas. E chegou-se a ver Portugal, tão falho de parceiros, inçado repentinamente de competências!

Reduzido o número dos satisfeitos e alargado o dos insatisfeitos, ilimitado — Santíssimo Deus! — foi o dos maldizentes, dos malsinantes, dos fabuladores.

Quanto se fez, meu caro Augusto, para envenenar a nossa amizade! Silvas, amoreiras e outras plantas espinhosas e lânguidas entre nós semearam para nos apartar. Mas porque entre nós existia, não terra adusta, mas cimento de estima onde a intriga não deita raiz, a medra dessas plantas não foi por diante. E ficámos amigos.

Ao recordar tudo isto e ao carrear algum material para essa História das Maternidades Portuguesas, de que falei ao princípio e onde tens pedestal condigno e inabalável, natural é que t'ofereça, um pouco para tua glória. E que te venha devolver aquêlê abraço de parabens, tão leal, tão sincero e tão apertado que me levaste ao meu quarto ao transmitires-me o resultado dêsse referido concurso, princípio da nossa carreira e da nossa vida.

Agosto de 1939

COSTA-SACADURA



ONTEM . . .

A antiga Enfermaria de  
Partos de Santa Bárbara  
atravez de um Relatório  
inédito do seu director  
Alfredo da Costa







Diz-nos o relato de velhos livros que no dia 3 de Abril de 1775, e nos dois seguintes dias, foram transferidos para o magnífico edifício do Colégio de Santo Antão, a principal Casa dos Jesuítas que lhes fôra confiscada, com todos os outros bens, em execução do decreto pombalino que do Reino os expulsára, os enfermos do Hospital de Todos-os-Santos destruído por um terramoto e um incêndio subsequente.

«Este Hospital (continuam a rezer as antigas crónicas) em memória do Monarca que lhe destinou tão amplo e grandioso edifício dignificou-se com o nome do mesmo Rei (*melhor se diria com o nome do respectivo santo do Calendário*) passando a chamar-se Real de S. José.

«No pavimento inferior, rente do chão, estavam as enfermarias pertencentes a Cirurgia, enfermaria dos doidos e tinhosos, com o seu quintal e casa de banhos, assim como as aulas de Cirurgia, Casa dos Instrumentos cirúrgicos e das preparações anatómicas.

«No segundo pavimento se encontravam enfermarias de medicina cirúrgica, convalescentes, quartos particulares, livraria e enfermaria de parturientes.

«Das nove enfermarias destinadas a mulheres, numeradas de 14 a 22, a n.º 18, denominada de Santa Bárbara, é destinada a paridas.»

Pode fixar-se assim, como algures já foi dito, <sup>(1)</sup> em 1775 o início em Portugal da obra especial de protecção e defesa da mulher grávida, muito modestamente começada e ainda hoje, infelizmente, longe bastante de realizar em toda a sua grandeza e vastidão o alto objectivo social que lhe impende.

---

(1) «Subsídios para a História das Maternidades de Lisboa — Maternidade de Magalhães Coutinho» — Costa-Sacadura — 1936.

Seja, porém, como fôr, o que é certo é que seria também aula de partos essa enfermaria, que Francisco Ignácio dos Santos Cruz, no tomo II do seu *Ensaio sobre a Topografia Médica de Lisboa*, a pags. 224 tão elucidativamente descreveu :

*... He a enfermaria das paridas, ou que estão pejadas; he hũa casa mui comprida e estreita, de abobada, semelhante a hum corredor; está no interior do edificio, os lados mais compridos não têm janelas, e olham em relação ao edificio para o Norte e para o Sul, os menores para Leste e para Oeste, para onde tem hũa janela mui grande, e pela parte de Leste, aonde está a enfermaria de partos, pegada á enfermaria de S. Roque. Tem 26 camas arrumadas á face do Norte, e na da frente desta tem sómente 8 camas em direcção contrária, pois não cabem de outro modo; no Extremo do Nascente tem outras oito; todas arranjadas da mesma maneira; tem hũa enfermeira, 3 ajudantes, 2 parteiras e hũa extraordinária.»*

Mais tarde, em época que não podemos determinar, foi esta enfermaria transferida para o andar superior do mesmo Hospital de S. José, onde ainda hoje se encontra com cêrca de 55 camas.

Foi aí, nessas instalações muito menos que modestas, quasi rudimentares, que os grandes Mestres Rocha Mazarem, Teotónio, Abílio de Mascarenhas e Alfredo da Costa prepararam os seus trabalhos que, publicados, ainda hoje nos servem de lições e estímulo.

Pecou sempre por deficiências de tóda a espécie, desde a péssima instalação à carência de muita coisa indispensável ao seu bom funcionamento, a que hoje se denomina Maternidade de Santa Bárbara, posta sob a invocação da santa que protege as parturientes e defende dos estragos do raio quando troveja, e curioso é pôr em contraste a descrição sumária que acima se transcreve da velha enfermaria com idêntico e desenvolvido relato que em hora de justificado azedume, transbordante de razão, a penna brilhante, cáustica e de elegantíssimo recorte literário de Alfredo da Costa tracejou no papel com destino que não alcançou, até hoje preciosamente conservado inédito entre os papéis do autor d'este trabalho.

Tem uma história curiosa êsse relato, que vale a pena contar:



Estava-se em 1906 e era Alfredo da Costa director da Maternidade de Santa Bárbara, tendo como seu chefe de clínica quem estas páginas vai escrevendo com a profunda emoção evocativa da grande figura do Mestre, tão querido e respeitado como amigo leal que sempre também para êle foi.

Um grande acontecimento ia realizar-se em Lisboa nesse ano da graça já citado: a reunião do XV Congresso Internacional de Medicina.

A êle se deveram, para lembrar apenas efeitos materiais bem vivos ainda na memória dos que já então eram gente, a conclusão das obras da Escola Médica, a construção do actual Jardim do Campo de Santana, em parte do qual existia um sujo, ignobil e pestilencial mercado, e muitas outras obras que não ocorrem de momento, para tudo tendo trabalhado com um entusiasmo, uma energia, uma fôrça de vontade digna de todo o louvor o falecido professor Miguel Bombarda, que foi, pode dizer-se, a alma da notável assembleia científica.

Enfermeiro-Mór dos Hospitais era ao tempo o também já falecido médico Curry Cabral, amigo e companheiro de consultório de Alfredo da Costa, tão bem como o seu colega ciente do que era a triste vida interna da Maternidade de Santa Bárbara, para a qual o seu director não se cançava de pedir melhoramentos.

Em vão os pedia...

Ontem, como hoje, nem sempre as instâncias superiores podem ou querem deixar de ser surdas a tantas reclamações que de todos os lados lhes gritam.

Era o caso com Santa Bárbara.

E foi então, numa dessas horas de desalento em que o desabafo se impõe, que Alfredo da Costa lançou nervosamente ao papel as páginas que a seguir se vão ler, talvez porque, como Garrett, *tendo-as na alma de outro modo as não sabia escrever*, ou ainda por achar oportuno seguir o conselho atilado do nosso Sá de Miranda:

*Falae em tudo verdades*

*A quem em tudo as deveis...*

Mas se é certo que à sua Escola como ao seu superior burocrático, o Enfermeiro-Mór dos Hospitais, as devia, essas verdades tremendas que deixou escritas e mãos carinhosas salvaram da perda, como as minhas agora as salvam do inédito em piedosa homenagem de discípulo e de amigo, menos certo não foi também que em preito à amizade pelo companheiro de consultório e colega estimadíssimo outro conselho não menos oportuno resolveu seguir, relegando, talvez incompleto, o seu trabalho para o fundo ignorado de uma gaveta, onde afinal estava escrito que não devia ficar no abismo do *negro esquecimento e eterno sono*.

E que merece a exumação actual (já longe de desencadear tormentas e malquerenças a que não poderia furtar-se o seu autor — improvisado Eolo semeando ventos para colher tempestades — se então o publicasse) póde o leitor fâcilmente ajuizar se quizer ler com atenção êsse relatório que vai seguir-se, formidável líbello traçado com mão de mestre e penna experimentada de literato, contra a incúria criminosa a que tinha chegado a velha enfermaria de partos de Santa Bárbara, em 1775 fundada para acudir a grávidas e paridas e ter a honra de iniciar entre nós a obra, sobre todas humanitária e patriótica, do auxílio social à mulher que está para ser mãe (1).

---

(1) — As cotas que acompanham o notável trabalho de Alfredo da Costa, para sua melhor elucidação, não são da sua autoria.

Êste trabalho, note-se, não passa de um simples rascunho, que, como dissemos, foi posto de banda, não chegando o grande professor a sôbre êle elaborar trabalho definitivo. Foi inteiramente respeitada, como se impunha, a sua ortografia e redacção.



Ao Conselho da Escola Médico-Cirurgica de Lisboa

O. D. C.

Alfredo da Costa



Lisboa não tem a bem dizer uma Maternidade. Dentro de um hospital immenso, defeituoso, como todos os que tem o vicio de origem da adaptação de um convento vetusto, aninha-se, é certo, um serviço clinico de obstetricia, arrumado á fôrça n'uma quasi mansarda ampla que tem, por qualidades, a muita luz e bastante ar. O espaço, porém, exiguo, mal permite alli os mais rudimentares serviços de uma clinica regular. Puerperas, de todos os matizes, vivem junctas, n'uma promiscuidade nefasta. Tuberculosas, syphilticas, erysipeladas, ulcerosas, eclampticas e maniacas, tudo se mistura alli n'uma sala unica, em contacto perigoso e anti-cirúrgico. Por entre as puerperas as gravidas, por entre as gravidas as operadas, sem isolamentos, sem distincções, sem resguardos que o espaço não permite e que a suprema razão da economia hospitalar nem ao menos consente que se vigiem, se mediquem e se tratem pela dilligência de um pessoal numeroso, bom e regularmente pago.

O socego e a tranquillidade, que são requisitos indispensaveis dos primeiros dias de puerperio, são coisa desconhecida. De dia toda a sala se agita n'um fervilhar constante de gravidas que passeiam, de puerperas que conversam, de creadas e enfermeiras que, na faíva da enfermaria, circulam, varrem, removem leitos, e ministram drogas e clysteres. De noite, algumas duzias de recém-nascidos entoam córos altisonantes de uma vozearia estridula, incommoda e inevitavel. Se, a deshoras, uma parturiente grave solicita os socorros hospitalares, toda a enfermaria (assim lhe chamam os pergaminhos officiaes) é sacudida pela vibração cadenciada e forte dos tacões de dois carregadores que conduzem a hombros uma maca. Um pontapé certo escancára a porta da grande sala; a maca entra; por toda a enfermaria echoam os gritos e os lamentos de quem entra no auge das dores expulsivas. Das que dormitam, as mais curiosas levantam a cabeça e entram

Maternida-  
de ou ante-  
camara de  
um Inferno  
feminino ?



de seguida na inquirição do caso; as indiferentes praguejam porque lhes interromperam o somno; as recém-paridas maldizem a sorte que nem ao menos lhes permite o repouso nas horas seguintes ao fadigoso trabalho da parturição.

A desgraça  
do próximo  
em soalheiro  
público

O sigillo, esse sigillo da maternidade tão escrupulosamente defendido e mantido por toda a parte; tão brilhantemente hasteado em bandeira emblematica da assistencia maternal, é letra que ali só não é morta porque nunca chegou a ter vida. Sessenta mulheres consomem todo o tempo do seu internato no soalheiro da inquirição da infelicidade alheia. Da entrada até á sahida, o nome de cada mulher perpassa estampado em boletins pelas mãos de um exercito de empregados de cathogorias varias. Estatisticos, padres, amanuenses, fiscaes, estudantes, enfermeiras, creados, moços de carga e porteiros, todos são compartes officiais ou officiosos no desvendamento do sigillo do infortunio. O publico, o proprio publico estranho aos serviços hospitalares, que, em ondas, invade ás quartas e domigos a angustiada e ingreme escada da enfermaria, em busca de noticias das que lhe são caras, tem também o seu quinhão de bisbilhotice n'esta quebra do segredo da maternidade. Sem uma sala, sem uma galeria, sem gabinetes de espera onde as visitas possam ser recebidas isoladamente ou em grupos, a onda acotovella-se no microscopico patim da escada ou formiga no corredor de entrada da propria enfermaria. É allí que se encontram a um tempo, e durante uma e a mesma hora, todos os visitantes e todas as visitadas. E então discute-se, grita-se, critica-se e chasqueia-se, sem o menor respeito pelas lagrimas de umas, pelo pudor de outras, pelo decoro de todas ou pelo acatamento do principio, alias desconhecido, da assistencia secreta. Ao lado da mulher honesta que recebe do marido novas, tantas vezes tristes, dos filhos que deixou em casa, gesticula á meretriz com ademanes equivocos juncto do amante que lhe traz saudades das companheiras da Mouraria! A um canto, a voz timida de uma creança, que mistura com as lagrimas da mãe as lagrimas compungidas do seu irremediavel infortunio, é abafada pela voz rouca de uma marafona syphilisada que arrota de instante a instante pragas e obscenidades. Tudo misturado, tudo confundido, tudo nivellado perante a moral e a sociologia, a hygiene, a pathologia e a obstetricia!



Dentro, alguns passos adiante dêste âmbito escuro onde os visitantes em tropel, e na máxima parte sujos, deixam por largo tempo sinais da sua passagem pelo cheiro nauseabundo com que empestam a confinada atmosfera, fica a grande sala maternal. É uma sala ampla formada de dois corpos reunidos em ângulo recto. Tem o maior 23,40 metros de comprimento e 11,65 de largo; 11,15  $\times$  5,60 são as dimensões do segundo. O tecto corrido no mesmo trainel para ambas as secções, está a 3,95 metros de altura. Não se pode dizer em absoluto um tecto baixo, mas a desproporção manifesta das três dimensões dá, a quem entra, a impressão de que toda a enfermaria é acachapada, de tecto quasi sôbre as cabeças. Uma viga extensa, corrida de lez a lez e aguentada por colunas de ferro, serve ainda para aumentar esta impressão de pouca altura, impressão perante a qual protesta a estética a mais rudimentar, se é que não protesta também a hygiene a mais comesinha.

É fácil deduzir daqui a miseria de cubagem destinada a cada albergada. Dando de barato que leitos, aparadores, vigas etc., nada influam no cerceamento da atmosfera, computemos pelo baixo em 80 o número dos habitantes normais da maternidade (grávidas, puerperas, crianças e enfermeiras. A cubagem por indivíduo seria de 14,65, o que é regularmente inferior ao número de 30 metros cúbicos adoptado, ainda pelos mais acomodaticios, em serviços clínicos desta ordem. Como se sabe, a cubagem das maternidades é sempre arbitrada em números superiores, havendo quem exija por mínimo 60 metros cúbicos. Aqui, porém, as coisas passam-se ao inverso.

Como se trata de puerperas, arbitra-se-lhes menos ar do que os ferros regulamentos alemães marcam para os soldados aquartelados nas casernas de Berlim. E se ainda os nossos calculos fôsem exactos! Mas não, que ha que tomar em conta uma anormalidade quasi normal que a força das circunstâncias impõe à enfermaria. Quasi sempre cheia, não é lícito, apesar d'isso, nem pelos princípios de humanidade, nem mesmo pelos preceitos hospitalares, recusar a entrada a mulheres que, nos ultimos momentos das dôres do parto, veem pedir socorro urgente à maternidade. Seis, sete, dez mulheres a mais, das sessenta da lotação, teem de ser ali recebidas, em nome da força das circunstâncias de urgencia.

Enfermaria  
e caserna

Os socorros  
de urgência

Se a coisa se passa de dia ainda é possível em determinadas circunstancias remover para outras enfermarias do grande hospital de S. José alguma grávida que careça de menos urgentes cuidados. Mas de noite, como é o caso geral, o remedio é único: o das camas no chão, improvisadas com alguma enxerga de sobra, previdentemente tida de reserva no deposito privativo da enfermaria. Arrumam-se então estas camas no exiguo espaço que fica entre catre e catre (70 centímetros) ou nos desvãos das janellas, de encontro aos ventiladores que se encarregam pelo frio, pelo vento ou pelo ruido sibilante do ar que passa de não deixar, em toda a noite, pregar olho à desgraçada que entra.

Não é facil, por defeito de experiencia pessoal, avaliar o genero de olores mais ou menos capitosos que devem mimosar as narinas destas pobres mulheres a quem a sorte reservou por uma, ou por muitas noites, um logar no chão. Por baixo das camas a atmosphaera tempera-se de toda a fragancia emanada das chinellas da ordenança por onde já passaram centenaes de pés; das saias despidas à hora do deitar; das arrastadeiras, a miudo attestadas até de pensos embebidos em lochios, que mulheres rudes e estupidas não duvidam, a cada passo, removerem do logar onde foram appostas para as esconderem debaixo dos catres. A regular pelos aromas, nada subtis, que, pelas horas caladas da noite, impregnam o ar da enfermaria, apezar de todos os cuidados, à altura das ventas de quem n'ella esta de pé, é de presumir que nas camadas baixas, e por assim dizer subterraneas, a fragancia deva ser verdadeiramente enebriante. E se ao facto, que á força de repetido já não causa reparos, vem junctar-se o caso porventura menos frequente de residir na sala meia duzia de pretas, como neste momento acontece, então é de supor que aquele mixto de aromas ethereos, agora complicado com uns leves toques de catinga, dê ao todo uma complexidade olorifera capaz de fazer inveja a mais sublime de todas as ambrosias.

Mas não ha que dar-lhe remedio por ser impossivel alargar a área da maternidade, nem ha mesmo que propol-o, porque alem de inutil constituiria motivo de se ser, pelo menos, tachado de impertinente.

O mobiliário

Todo o mobiliario da vasta enfermaria é de extraordinaria simplicidade, como convem a serviços clinicos desta natureza.



Sessenta leitos de ferro de typos diferentes; numero correspondente de mesas de cabeceira tambem de ferro; dois aparadores de pitch-pine; uma incubadora de Lyon, inservivel; meia duzia de cadeiras de costura. É claro que dado o typo da enfermaria, hoje por toda a parte condemnado em absoluto e substituido pelo de camaratas pequenas de seis, dez ou doze camas, conviria que no corpo da sala, e em logar onde toda ella podesse ser vigiada, existisse a secretária destinada à enfermeira de serviço, onde fosse possivel redigir notas, registrar temperaturas, traçar curvas de pulso, etc. Mas, sempre o espaço a negar-se, seria accumular o que já de si está ultra-accumulado.

Typos differentes de leitos, disse eu, e é exacto quanto ao leito propriamente dito. Typos differentes conforme as possibilidades e os caprichos dos depositos hospitalares que não parecem providos de material bastante para destinar a cada enfermaria um mobiliario de padrão apropriado. É, de resto, defeito de pouca monta que só interessa á correcção de linhas e á uniformidade sempre de bom effeito em installações hospitalares. Mas, no que se refere á cama completa, os typos adoptados são apenas dois: o das enxergas á antiga portugueza cheias de corcovas e gibosidades, dispostas com frequencia em plano inclinado de maior elevação para o lado dos pés, à Trendelenburg, e o de uma edição barata dos colchões Hebert, como se sabe formados de uma serie de barras de aço paralelamente dispostas ao longo do leito.

Cabe-me, a mim, a inteira responsabilidade, que não declino, de em tempos já idos ter acceitado e apoiado, até com certo ardor, a deliberação hospitalar de substituir a primitiva enxerga pelo colchão Hebert. Não o fiz, porém, sem ensaios previos no exemplar de amostra que por mais de uma vez foi submetido a todas as provas possiveis. Gravidas e puerperas lhe deram o voto favorável.

Chegou-se ao periodo do empenho para alcançar a cama nova. Eu proprio dei ao manifesto o meu corpo, e a alguns colegas devi a gentileza de se me associarem na experiencia. Pareceu-me então bem, e sobretudo consideravelmente superior á inqualificavel enxerga dos tempos classicos. O rodar dos annos veio porém convencer-me do contrario, á medida que da impor-

O problema  
das camas

Maus pro-  
ductos da  
indústria na-  
cional . . .



tação se foi passando ao fabrico nacional. Ou porque as laminas de ferro, em vez de aço, não tenham elasticidade bastante para cederem regularmente ao peso do corpo, ou porque cada lamina tem poder elastico diverso, ao que mais me inclino, o actual colchão imitação Hebert é detestável. Queixam-se d'elle as mães porque lhes contunde o corpo, mais se queixam os recém-nascidos que de quando em vez veem experimentar a dureza do sobrado rolando das camas que o pseudo-Hebert torna demasiadamente abauladas e rijas. É claro que reclamei quando me convenci dos seus defeitos; era porém tarde. Em logar dos tres que a custo alcancei a principio, a enfermaria de Sta. Barbara tem agora doze, mais as tentativas que a miudo se repetem de aumentar o numero, á medida que se vão desembaraçando d'elles as outras enfermarias do hospital que, como eu, cahiram no logro.

Quanto aos outros, os das corcovas, não merecem descrição. Pintados de azul e estendidos sobre um bom tablado fariam as delicias de qualquer scenografo que visasse á representação em palha das ondas procelosas sobre as quaes penou em phantastico batel a alma damnada do holandez da lenda...

As depen-  
dencias

Entestando com a enfermaria fica a sala de trabalho. É uma sala ampla, um pouco estreita, talvez, em relação ao comprimento, mas bastante, pelo espaço, para os serviços que n'ella teem de executar-se de ordinario. É, na sua ementa, perfeitamente harmonica com o resto: quatro leitos pesados e fortes, uma meza, um suporte de frascos do melhor modelo de Lautenschlager, dois aparadores de pedra, uma balança pequena, uma maca de rodas e uma craveira. Por baixo de um dos aparadores duas tinas de folha pintada, para recém-nascidos; por baixo do outro dois cestos de verga forrados de cotim acolchoado com algodão e gaze esterilizados; suspenso de um prego um cephalometro de Budin; sobre os aparadores meia duzia de tubos de ensaio, um bico de Bunsen, e um boião de vaselina. Nos desvãos das janelas dois lavatórios fixos, a um canto uma pia de despejos, juncto a uma parede dois lavatórios moveis com agua de sublimado a 1×1000, a outro canto um armario com as roupas necessarias para a assistencia a um trabalho de parto.

Iluminação

Quatro boas janellas dão-lhe durante o dia luz. Á noite, tres magros candieiros de gaz dão pouca e mal distribuida illu-

minação. Reclamar que se introduzisse alli, como indispensavel, a illuminação voltaica, seria estarrecer o cofre hospitalar. Em verdade o *luxo* não seria caro, pois que o hospital possui dynamo que correu, de parado por largos annos, o risco de apodrecer, e dispõe de motor que seria facil aproveitar. Mas não. É com o gaz que temos vivido e é com o gaz que teremos de viver, pois que isto de operações obstetricas é, ao que parece, uma questão de meter as mãos como calha e puxar o que se encontra. E para isso os arcos voltaicos seriam de uma opulencia ultra-asiatica.

Entesta, como disse, esta sala com a enfermaria e tem para ella a unica sahida. Gravida internada ou parturiente que entra tem forçosamente de atravessar a enfermaria para chegar ao leito de trabalho. Salta aos olhos o inconveniente gravissimo d'esta disposição; todo o serviço mais ou menos buliçoso da sala de trabalho tem de fazer-se com detrimento da tranquillidade da enfermaria que é a sua passagem obrigada. Macas que entram e macas que sahem, parteiras, estudantes, médicos e enfermeiras, que por dever de officio teem de assistir ou intervir nos partos, passam e repassam pela grande sala. Se se negam as torneiras a fornecer agua quente, e é o caso geral, é pela enfermaria que teem de transitar as creadas, ajoujadas com canecas e regadores cheios que vão buscar á cosinha.

É um borborinho constante, que em noites de intervenção operatoria, especialmente, põe em continuo alarme toda a maternidade.

E não se pense que é uma questão de alguns quartos de hora, depois dos quais o silencio se restabece. Longe d'isso! Em certos periodos do anno em que o movimento aperta e o numero de partos por dia chega a ser de oito, dez e doze, a labuta é continuada, seguida, ininterrupta, sendo parallelamente continuado, seguido e ininterrupto o completo desasocego da enfermaria. Já de uma vez se registaram no verbete estatistico diario 13 partos, dos quaes 7 ou 8 foram de noite. Assisti das 10 horas p. m. ao romper da aurora a uma parte d'esta série grande de nascimentos. Foi uma noite cheia, ou antes uma noite vazia, porque ninguem dormiu.

Mas peor do que a perturbação do somno é a perturba-

Noites tra-  
gicas



ção de espirito que a proximidade da sala de trabalho produz nas grávidas. Os gritos e os gemidos nitidamente ouvidos, todo o espectáculo de ferros, de ajudantes, de anesthesias, do cortejo inevitável, enfim, de uma intervenção obstetrica do qual as mulheres todas da enfermaria são quasi testemunhas presencias, impressiona profundamente quem espera por seu turno ter de submeter-se, talvez em curto prazo, ás mesmas manobras. Ha grávidas que se despedem umas das outras horrorisadas com o espectáculo, em parte visto, em parte adivinhado pelos queixumes ouvidos; ha outras que abortam, outras que adoecem de medo. E se a infelicidade origina um caso de morte durante o trabalho, coisa felizmente rara, então a impressão chega ao pânico.

Se tudo isto não representa uma attitude contra os mais elementares principios da clinica obstetrica, temos de convir que representa pelo menos uma deshumanidade inclassificavel.

O pavimento da sala de trabalho é de soalho á portugueza, com prego de galeota e pranchas de casquinha a dois fios; quer dizer: é de todos os pavimentos o que poderia ser escolhido de peor: poroso, infiltrável, conservando a humidade e insusceptível de ser limpo, já não ha escova que consiga desencardil-o das nodoas de sangue, de vaselina e de soluto de sublimado amido sempre em uso. Tentei em tempos, quando era licito ter-se iniciativa com a qual os hospitaes sempre ganharam, fazer substituir este pavimento por um outro de ladrilho ou mosaico italiano. Responderam-me, e julgo ser verdade, que era isso impossivel por ser incapaz o vigamento de suportar maiores cargas (1).

---

(1) Esta resposta não foi de nenhuma das instancias hospitalares. Foi do Ministério das Obras Publicas ao qual devi em 1899, além dos poucos e unicos melhoramentos que a enfermaria de St.<sup>a</sup> Barbara tem recebido até hoje, a muita attenção e boa vontade com que, desde os mais graduados chefes ao mais modesto mestre de obras, e até os operários, sempre ouviram, acataram e executaram dentro do possivel, as reclamações.

Depois de escritas estas linhas a munificencia hospitalar gallardoou a enfermaria de St.<sup>a</sup> Ba. bara com um aparelho de aquecimento a gaz — typo Torride. Com este melhoramento a agua quente falta ainda muitas vezes. Por cada vez que se abre a torneira desperdiçam-se 42 litros de agua fria, mas depois a agua chega quente á sala de trabalho. Calculo, pelo menos, que só neste despericio de agua deverá consumir-se por dia mais de um metro cubico absolutamente desaproveitado. No curto espaço de dois mezes este aparelho precisou de



Os annexos da maternidade, como que as trompas d'este utero bicornio onde se passa a natividade de uma parte da população miseravel de todo o paiz, não mereceriam descripção se eu não tivesse em mente dar uma ideia geral de todo este conjuncto de casinholas que constituem a primeira e mais concorrida maternidade portugueza.

A um lado existe um refeitório pequeno, a um tempo quarto de passagem, lavadouro de loiças e sala de conversa das gravidas e puerperas que não estão acamadas. Seria, dentro da sua modestia mobiliaria e exiguidade metrica, ainda assim, um refeitório passavel, se não fosse um logar de passagem obrigatoria entre a enfermaria e as suas dependencias menores.

Assim, mulher que tem de obedecer ás necessidades imperiosas de uma evacuação rectal, tem de passar pelo refeitório para se dirigir á sentina.

Se vai ou vem de tomar banho, tem de passar em trajas menores pelo refeitório. Se uma creada vai á pia da cozinha despejar uma arrastadeira repleta de urina ou do extra-fedorento fluxo diarrheico de alguma puerpera menos physiologica, é ainda pelo refeitório que tem forçosamente de transitar. Está-se vendo o aperitivo d'estas passagens continuadas para as mulheres, que á hora do almoço e do jantar se achegam ás mezas em busca da sua tigella de comida. É ultra-marroquino; chega a ser hospitalar, no sentido lisboeta da palavra, já se vê.

Vis-à-vis do refeitório, em referencia ao prolongamento do eixo da enfermaria (*v. planta*) existe uma chamada sala de operações. Se nem sempre está limpa por falta de pessoal, é no emtanto susceptivel de o ser. É um quarto reservado, o unico reservado de que é possivel dispor-se, e por isso mais vezes destinado a quarto de isolamento de puerperas infectadas ou mori-

O refeitório . . . antecamara do  
W. C.

A sala de  
operações

---

cinco concertos, e como cada um deles demorasse tres a quatro dias, esteve a enfermaria sem agua quente durante este tempo. Isto em 1906, quer dizer em pleno século XX.

É verdade que a caridade das serventes resalva, até certo ponto, este escôlho fazendo-se a passagem, quando possivel, e ás horas das refeições, pelo corredor da entrada da enfermaria. É então pela porta da aula e pela porta da entrada que o cortejo passa. Querendo...

(*Illegível o restante da nota.*)

bundas do que propriamente a operações. De resto, é de tal modo pequena que torna difficil o serviço. Se em tempo lectivo, e é exactamente quando ella tem de funcionar, os alumnos tem de assistir a alguma intervenção maior, como é de seu dever e de seu direito, acotovellam-se e acotovellam quem está cirurgicamente preparado para entrar em exercicio.

O seu mobiliario é modesto mas bom. Uma cama de operações de Lautenclager, munificencia bizarra do hospital; uma vitrine para ferros, magnifica; e um ebulidor de desinfecção, ambos tambem de Lautenclager, fornecidos a pedido meu pelo Ministerio das Obras Publicas. A um dos lados um aparador de pedra, e no desvão da sua unica janella um lavatorio fixo com torneiras para agua, mas na maioria dos dias sem agua.

Com todos os seus defeitos é a perola da maternidade. Perola cheia de falhas é certo, mas emfim uma perola pequenina, que apezar de falsa faz um figurão no meio da engastadura de pechisbeque em que está montada.

A aula não merece menção. É uma perfeita imitação em ponto pequeno de uma aula da escola Conde de Ferreira da aldeia da Porca ou da Malpica.

A frequencia de alumnos na aula de obstetricia tem sido:

1899 a 1900

em 1899 .....	39
1900 .....	31
1901 .....	29
1902 .....	37
1903 .....	28
1904 .....	36
1905 .....	57

Cabem lá dentro trinta e seis rapazes, um professor, um manequim de madeira e o esqueleto de uma cyphotica. Já para o chefe de clinica custa um pouco arranjar espaço. Mas tem-se conseguido, com bastante boa vontade, sentando-se o professor na sua cadeira a tres quartos, e mantendo-se o chefe de Clinica

Uma... aula  
que nem me-  
rece menção



em cauteloso equilibrio para não baldear inadvertidamente do estrado abaixo.

Tem só uma janella, voltada para o nordeste. Em dias de inverno, quando a chuva fustiga violentamente as faces de quem teve a desventura de só encontrar logar ao pé d'ella, não ha remedio senão fecha-la, soffrendo-se com paciencia a enxaqueca determinada pela hora e meia de confinamento em atmosphera irrespiravel. É verdade que este mal está actualmente muito atenuado em virtude do formidavel beneficio que se deveu ao hospital depois de negociações em que se consumiram quatro mezes (120 dias), e outros tantos officios, o da mobilisação de dois vidros da vidraça, que permittem agora abrir uma fresta por onde o ar possa sahir sem entrar a chuva, substituido pelo ar vivificante que vem do pateo da cozinha do hospital embalsamado com os productos volateis da cebola frita e animado das vibrações ondulatorias, algo ruidosas e enervantes, com que Dion Bouton nosocomial, todos os dias, e á hora precisa da lição, galanteia gentilmente os que se ocupam de obstetricia.

Nada mais adequado pelo aspecto, pelo barulho e pelo cheiro, ao silencio, á gravidade e á compostura de uma aula de escola superior.

Quanto ás dependencias menores são como em toda a parte onde teem de se albergar mulheres da mais baixa condição social. Não haveria que lhes fazer reparos se ao seu acanhamento não se juntasse a qualidade de ficarem encravadas no meio dos serviços da enfermaria, de que constituem pessima visinhança. Uma casa de banhos com duas tinas para adultos e duas outras para creanças; uma cozinha suja, onde a accumulção de todos os serviços de aquecimento, agua, despejos, lavagens, deposito de carvão, etc, torna a limpeza quasi impossivel; uma retrete á ingleza com autocolismo e tampos duplos de mogno e uma casa de arrecadação sem luz e sem ar por carencia de janella...

Se a tudo isto junctarmos a referencia de meia duzia de cubiculos dispostos, nas aguas furtadas, para alojamento do pessoal e um cubiculo ainda mais reduzido, onde, apropriando-se uma velha e microscopica cozinha, se installou o gabinete do director, teremos feito a descripção summaria da unica installação obstetrica de Lisboa.

As dependencias menores



A tragédia  
do acesso  
das grávidas  
à enfermaria

Escapava-nos a escada de acesso. É um lanço unico de escada recto, com 23 degraus de 0,15 de espelho e 26 de cobertor incluindo os 4 cm. de focinho. Liga planos que distam um do outro de 3,88 metros, tendo de desenvolvimento horisontal apenas 4,<sup>m</sup>84. Quer dizer que a inclinação é de 68%.

Como é muito estreita, qualquer maca que tem de ser levada por ella tem de ser forçosamente orientada no sentido do seu eixo, e como por outro lado é muito íngreme, a inclinação da maca tem de ser muito grande. D'ahi, um serviço difficil para quem carrega e um motivo de susto e desequilibrio para quem é carregado.

A maca não é, porém, o systema exclusivo de transporte; se o caso permite a marcha a maca dispensa-se e a mulher, embora com dôres, lá vae deambulando da portaria do hospital até ao 5.º andar onde está a enfermaria. São muitos degraus fatigantes para quem quer que seja, extenuantes para quem de momento a momento tem de parar para soffrer uma contracção do parto! Parece que um elevador está officialmente incumbido de attenuar em parte a fadiga da ascenção, levando as mulheres até certa altura do edificio, quando ellas cheguem antes da hora regulamentar da suspensão dos serviços elevatorios (8 horas da noite) Não corresponde a realidade á regulamentação official, se é que ella existe. Muitas fazem o trajecto a pé, cheias de cansaço e de incommodo, lanço a lanço, degrau a degrau, até chegarem ao ultimo. Ahi, porém, parece que o alento lhes foge perante aquelle Calvario de degraus empilhados quasi a prumo, porque é frequente, bastante frequente, que alli mesmo, sem mais poderem, se deixem cahir e dêem á luz. Não possuo estatistica especial d'estes casos de partos na escada. Não previ que haveria de encontrar em cada um d'estes degraus, um concorrente ás camas de trabalho. Posso garantir, porém, que os casos já constituem banalidade á força de repetidos.

Se a mulher vem de maca e o caso se passa dentro d'esta, apressado talvez pelo susto da verticalidade da posição, ainda tudo é relativamente facil. Moços sujos e infectados, maca igualmente suja e tendo servido a toda a casta de erysipeladas e feridas, mulher envolta em roupas andrajosas, tudo lá vai de charola pela enfermaria a dentro e ahi se completa, se ha que comple-

Partos... na  
escada e nas  
macas

tar, o que na escada teve começo. Fica o caminho tincto de sangue, ficam talvez as puerperas internadas mais uma vez sujeitas a novas possibilidades de infecções de natureza varia. Mas o caso em si remedeia-se. Se, porém, a mulher vem a pé, e se lembra de sossobrar perante a ascensão da famosa escada, então tudo se passa ali mesmo, ás escancaras, á vista de quem passa, no chão, em um logar apertado, em uma escada enfim, onde nada, absolutamente nada, nem mesmo o espaço, permitem um partejamento de geito. E que borborinho que isto causa! Corre a parteira de um lado, a enfermeira do outro, grita uma pedindo um lençol que não chega a tempo, insiste a outra pela tesoura para seccionar o cordão. Berra aquella por um banho quente, porque vem aparentemente morta a creança. Pragueja esta pela falta de carvão que traz apagada a fornalha. Que venha já o cirurgião de serviço, pois que a mulher esvae-se em sangue. E o moço que acompanhava a parturiente, a parteira de serviço, enfim, tudo que passa, mexe e remexe e commenta o caso, dá sentenças e contribue para a algazarra. Um verdadeiro pagode.

Vá porém, e a seguir, a nota compensadora d'esta scena de comedia: Não me recordo de que alguma vez, de um d'estes partos de escada, tivesse resultado a morte de alguma mulher. As creanças sim; d'essas algumas teem pago com a vida o capricho de preferirem ao partejamento na enfermaria o nascimento episodico na escada. (1)

.....

Encontro ainda entre os papeis que guardo carinhosamente mais estas notas do próprio punho de Alfredo da Costa:

«Conquanto inscrita no grande livro dos batismos hospitalares sob o nome de *enfermaria* é certo que só por excepção se recebem ali enfermas. O amplo casarão está exclusivamente adstrito a serviços tocologicos e em geral a todas as questões referentes á obstetricia. É no fundo e na intenção uma maternidade, embora na realidade não passe de uma caricatura ridicula de tudo quanto ha de feito e de estabelecido em terras civilizadas em materia de instalações maternas.

(1) Há ainda neste rascunho notas e páginas traçadas a lápis que o tempo desvaneceu em grande parte tornando impossível a sua reprodução.



Da portada do hospital até á soleira da enfermaria a diferença de nivel é galgada por 110 degraus agrupados em 8 lances de uma escada turtuosa e irregular. A principio a escadaria, resto da velha construção fradesca, é de pedra relativamente suave larga e desafogada. Mas cinco lances passados, quando a ascensão já traz semifatigados os musculos e acelarados os movimentos respiratorios e cardiacos, começa a perder a magestade da entrada para tomar o aspecto, acanhado e ingreme dos modernos enxertos e remendos de architectura. Á pedra substitui-se o pinho, o declive aumenta e as paredes aproximam-se a ponto de mal consentirem a passagem de duas pessoas. Dois lanços se seguem onde a atmosfera, de regra amoniacal, mercê de urinóes adrede postados na vizinhança, veem completar a sufocação determinada pela subida já longa. Ao topo destes dois lanços um patim estreito e depois uma nova serie de 22 degraus em 62 % de inclinação seguidos ainda de outro patim e mais dois degraus que são os ultimos do extenso escadorio.

Se não fôsse o conhecimento seguro de que ás velhas administrações hospitalares foram completamente estranhas as teorias da selecção dir-se-hia que as coisas tinham sido calculadamente dispostas para apuramento de uma raça vigorosa de mães que fossem capazes de originarem filhos igualmente vigorosos. Aquela escadaria violenta, rival de peso do escadorio de penitencia do santuario do Bom Jesus de Braga, tem sobre esta o artificioso segredo de ser cada vez mais ingreme á medida que mais se avizinha do termo. Que a mulher fraca e grávida perca de todo a esperança de chegar sem acidente até ao prometido catre. Se a não tivesse dotado a natureza previdente de boa e sã musculatura e ainda de melhores e mais sadios bofes é escolher por uma de duas soluções: retroceder a meio ou ser surpeendida pelo parto em plena peregrinação estenografica, como frequentes vezes acontece.

Registe-se com prazer que o vento do progresso que uma ou outra vez se permite circular a medo por sob as arcarias do hospital, dotou este estabelecimento ha boa meia duzia de anos de um ascensor mecanico que parecia destinado a fazer esquecer as custosas ascensões da longa escadaria. Recebido com alacridade, era de ver como o novo invento subia e descia em alegre e constante la...»

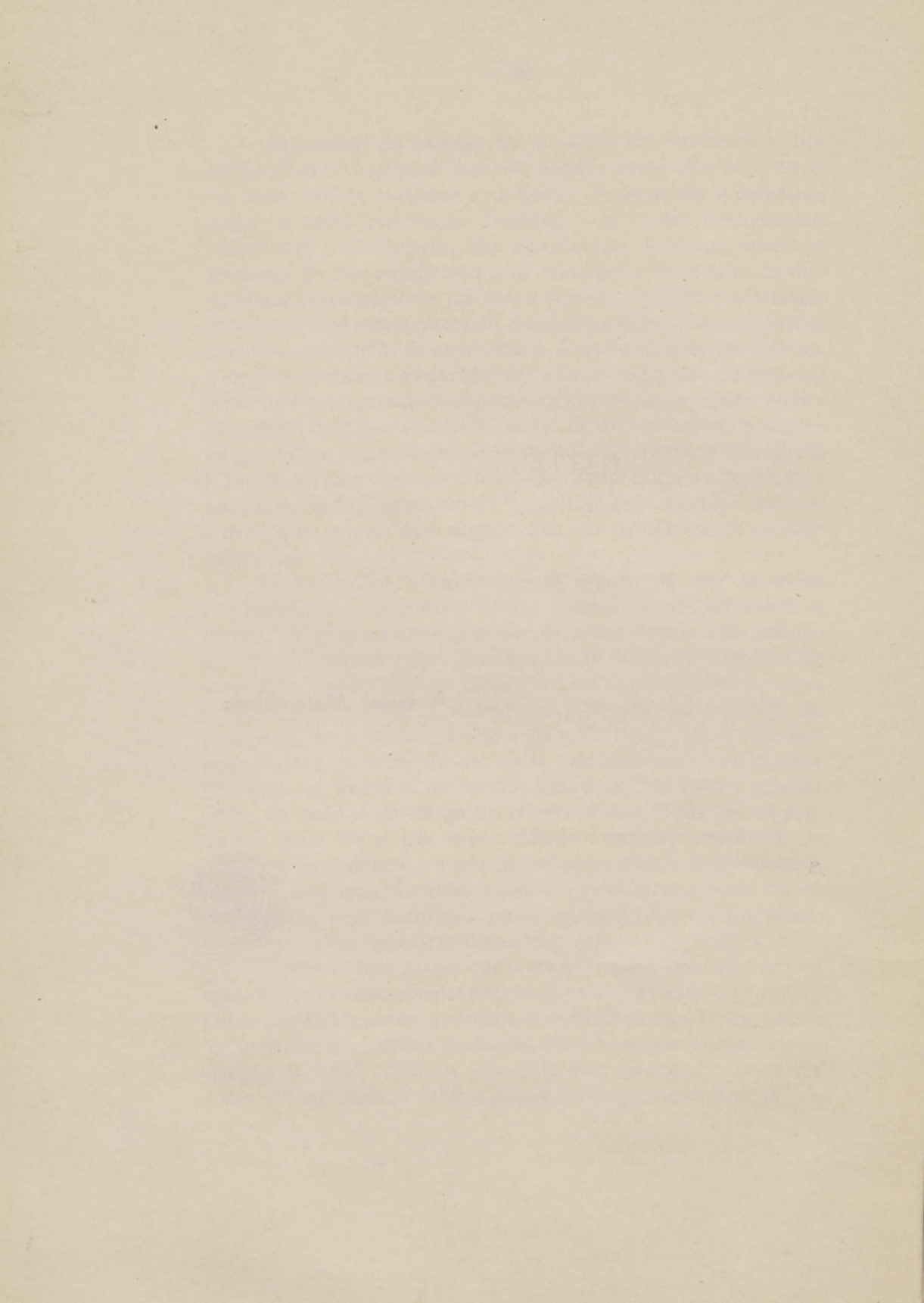
HOJE...

A actual Maternidade



INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO





Muito e muito bem se trabalhou, contudo, na imprópria enfermaria, suprimindo o zêlo, a inteligência e a boa vontade de todos — médicos, enfermeiros, estudantes e pessoal menor — as deficiências de cada momento, de todos os dias.

Muitos, muitíssimos médicos, ali prepararam as suas teses do fim do curso e notáveis trabalhos ficaram a assinalar pela letra impressa os altos méritos científicos de quem os subscreveu.

Com preciosos elementos estatísticos deixou Alfredo da Costa um valioso volume redigido em francês — «*Quelques renseignements statistiques sur la Maternité provisoire de Lisbonne*» (Lisboa, 1906) precedido de um breve preâmbulo em que manifestava a sua esperança de vêr finalmente a primeira cidade do país dotada com a Maternidade que merecia — «das mais belas e das mais legítimas instituições de beneficência pública e privada», dizia êle.

E porque bem mereça a transcrição, aqui se reproduz êsse curto preâmbulo áquele notável trabalho, que muitos desconhecem e oportuno se torna reeditar. São palavras que traduzem profundas verdades e que bem demonstram quanto o problema máximo da protecção à criança e à mãe interessava áquele culto e valioso espírito a defrontar-se com o eterno desprendimento a que, por parte dos governantes, êstes assuntos por via de regra continuavam a ser votados:

«A-pesar do interêsse e dedicação com que em Portugal se pensa há uma boa dezena de anos (*escreve o grande Professor*) no aperfeiçoamento e desenvolvimento da sua assistência pública, Lisboa não possui ainda uma instituição regular de serviços maternos. É certo que os esforços insistentes de uma activa propaganda abriram já largo caminho. O grande público está já suficientemente convencido da necessidade imediata da criação de maternidades nos grandes centros da população pobre. O próprio coração dos govêrnos, duro em geral



para com os assuntos de assistência, mostrou-se já um tanto emocionado. No Orçamento do Estado foram inscritas verbas consideráveis para a construção de uma Maternidade em Lisboa. Mas, a despeito das boas palavras, a-pesar da franca adesão dos dirigentes da assistência pública, a-pesar do sucessivo desaparecimento das dificuldades iniciais, pode dizer-se já há muito vencidas, o incontestável facto é que nem sequer se pensou ainda no lançamento de uma primeira pedra.

«O local para uma futura edificação foi bem escolhido; chegou-se mesmo a estabelecer os cálculos da despeza a fazer. Mais ainda: alguém foi incumbido de fixar de uma maneira geral as suas linhas gerais e estudar um ante-projecto, o que imediatamente se fez.

«Mas... d'aqui se não passou!

«Teremos que acreditar, após tôdas estas diligências que parecem indicar uma vontade firme, que a Maternidade de Lisboa continuará a pertencer ao capítulo dos sonhos sem possível realidade? Estamos longe de o pensar. Esperamos, pelo contrário, que muito breve a realidade se substituirá ao sonho. O que, no entanto, por agora somos forçados a confessar é que nos começos do século XX, quando por toda a parte as instituições maternas se veem multiplicando e aperfeiçoando de uma maneira extraordinária, como sendo das mais legítimas e mais belas instituições de beneficência pública e particular, Lisboa não conta ainda, entre os seus estabelecimentos de assistência, uma Maternidade regular.

«Os serviços maternos estão ha muito *provisoriamente* instalados n'um recanto do Hospital Geral de S. José. A todos os defeitos de uma instalação intra-hospitalar reúne a actual Maternidade os de uma extraordinária exiguidade de espaço e da falta quasi absoluta dos anexos indispensáveis a serviços deste género. Nem as honras merece de uma descrição topográfica. E, no entanto, reduzidissima nas suas dimensões, não permitindo um grande desenvolvimento dos serviços, nem por isso deixa de receber perto de um milhar de mulheres em cada ano...

.....

Tarde, bem tarde, em 1932, o sonho do grande Mestre devia converter-se numa admirável realização, como o atesta a casa que hoje merecidamente ostenta o seu nome na frontaria a letras de ouro, homenagem póstuma bem merecida por quem tão nobremente soube honrar a Ciência Médica portuguesa.

Alfredo da Costa trabalhou afincadamente, com um entusiasmo e uma fé dignos de nota, sobrepondo-se a todas as desilusões, para ver de pé o ambicionado edificio.

Aquele *alguém* incumbido de traçar as linhas gerais e estudar um ante-projecto da futura Maternidade, a que alude nas linhas que transcrevemos, foi êle mesmo. Como qualquer expe-

rimentado engenheiro ou architecto tracejou plantas, calculou orçamentos, fixou verbas, com uma meticulosidade e critério que só a paixão absorvente do seu sonho e a sua muita competência e saber explicam.

São a tal respeito do seu próprio punho, da sua própria letra, alguns apontamentos que restam desses estudos, salvos da dispersão e olvido por quem comovidamente vem traçando estas evocativas recordações do querido e respeitado amigo morto.

Foi êle próprio quem avaliou as despezas a fazer com as expropriações de alguns prédios, necessárias à construção da Maternidade, seguindo cálculos, discriminados, como de razão, pelos rendimentos colectáveis dos edifícios condenados a desaparecer sob o camartelo demolidor, por utilidade pública, ascendendo naquela época a 2.410\$38 segundo esta curiosa tabela:

**Prédios a expropriar para a construção de uma Maternidade  
segundo o antc-projecto do Prof. Alfredo da Costa**

T. do Hospital, n.º 1 a 3	.....	86\$40	— Ana Formigal Luzes
» » » » 5 a 7	.....	80\$10	— António Luzes
» » » » 9 a 11	.....	145\$80	— Hospital Real de S. José
» » » » 13 a 15	.....	116\$10	— Ant. <sup>a</sup> Rita da Conceição e Barros e Silva
» » » » 17 a 19	.....	126\$18	— M. <sup>a</sup> J de Jesus de O. Pessoa
» » » » 21 a 23	.....	288\$90	— Inácio Aug. de Bastos Cruz
R. de S. Lazaro » 81 a 83	.....		
» » » » » 85 a 91	.....	568\$30	— Joaquim Fernandes Braz
» » » » » 93 a 95	.....	450\$00	— Gertrui. Magna de J. Carrelo
» » » » » 97-97-B	.....	381\$60	— Jasé Joaquim Vicente de S. Romão
e Bêco de S. Lazaro 5	.....		
R. de S. Lazaro, 99 e Bêco	.....	166\$50	— Feliciano José Sobral
de S. Lazaro, 1	.....		
Total Esc.	.....	2.410\$38	

Vem depois, noutro documento não menos interessante, a descrição resumida de todas as despendências da ambicionada Maternidade, discriminada pelos seus vastos andares, desde o rés-do-chão às mansardas.



É igualmente digna de registo a sua inserção neste trabalho :

### Rez-do-chão

1 — *Entrada*, 2 — *Claustro*, 3 — *Pateo*, 4 — *Creado para serviço nocturno*, 5 — *Porteiro*, 6 — *Material de socorro domiciliário*, 7 — *Cartório de baptisados e casamentos*, 8 — *Vestiário de empregadas*, 9 — *Sala de espera*, 10 — *Consulta externa*, 11 — *Vestiário de medicos*, 12 — *Gabinete de exame gynecologico*, 13 — *Esterilisação de leite*, 14 — *Recepção de leite*, 15 — *Distribuição de leite*, 16 — *Arrecadação*, 17 — *Passagem*, — 18 — *Passagem (escada)*, 19 — *Arrecalação*, 20 — *Escada principal*, 20 A — *Elevador*, 21 — *Escada de serviço*, 22 — *W. C.*, 23 — *Casa de banho*.

### Primeiro andar

24 — *Museu*, 25 — *Laboratório*, 26 — *Aula de parteiras*, 27 — *Continuo*, 28 — *Gabinete*, 29 — *Exercicios de manequim*, 30 - 31 - 32 — *Economato e fiscalização* — *Archivo*, 33 — *Arrecadação*, 34 — *Escada principal*, 35 — *Pateo*, 36 — *Galerias de comunicação*, 37 — *Gabinete do professor*, 38 — *Escada particular de serviço do professor*, 39 — *Gabinete de ferros*, 40 — *Passagem para o amphitheatro*, 41 — *Idem*, 42 — *Anphiteatro de curso e operações*, 43 — *Elevador*, 44 — *Passagem para as caves*, 45 — *Casa de banho*, 46 — *W. C.*, 47 — *Escada de serviço*.

### Segundo andar

48 — *Biblioteca*, 49 — *Chefe de clinica*, 50 — *Sala*, 51 — *Director*, 52 — *Medico assistente*, 53 — *Sala de estagio*, 54-55 — *Quartos estagiarios*, 56 — *Casa de banho*, 57 — *W. C.*, 58 — *Escada de serviço*, 59 — *Galerias de comunicação*, 60 — *Quarto do creado*, 61 — *Peguenta cosinha para serviços estagiarios*, 62 — *Escada particular do professor*, 63 — *Passagem*, 64 — *Passagem particular do professor*, 65 — *Escada principal*, 66 — *Elevador*, 67 — *Pateo*, 68 — *Galeria de comunicação*, 69 — *Admissão*, 70 — *Banho*, 71 — *Rouparia e passagem*, 72 — *Sala para vinte grávidas*, 74 — *Empregada de vela*, 75 — *Creada de vela*, 76 — *Sala para vinte doentes*, 77 — *Gabinete da enfermeira-chefe*, 78 — *Rouparia*, 79 — *Porteira (escada)*, 80 — *Entrada pelo pateo do hospital*, 81 — *Distribuição das refeições*, 82 — *Recepção de roupa lavada e desinfectada*, 83 — *Escada de serviço*, 84 — *Lavatorios*, 85 — *Casa de jantar*, 86 — *Sala para dez grávidas*, 87 — *Empregada de vela*, 88 — *Creada de vela*, 89 — *Sala para vinte grávidas*, 90 — *W. C.*, 91 — *Casa de banhos e lavatorios*, 92 — *Vestibulo*, 93 — *Escada para o jardim botanico*, 94 — *Capela*, 95 — *Sachris*.

tia. 96 — *Passagem*. 97 — *Casa de observação de mortas*. 98 — *Casa das autopsias*. 99 — *Laboratório de histologia*. 100 — *Corredor*. 101 — *Jardim*.

### Terceiro andar

102 — *Escada principal*. 103 — *Elevador*. 104 — *Quarto isolado*. 105 — *Vestibulo*. 106 — *Galerias de comunicação*. 107 — *Admissão de puerperas e parturientas*. 108 — *Casa de hanho*. 109 — *Rouparia e passagem*. 110 — *Escada de serviço*. 111 — *Sala para vinte puerperas*. 112 — *Empregada de vela*. 113 — *Creada de vela*. 114 — *Sala para vinte puerperas*. 115 — *Sala de estagio das parteiras de serviço*. 116 — *Passagem*. 117 — *Rouparia*. 118 — *Sala de trabalho*. 119 — *Elevador de refeições*. 120 — *Escada de serviço*. 121 — *Passagem*. 122 — *Sala de operações*. 123 — *Sala de operações*. 124 — *Empregada de vela*. 125 — *Creada de vela*. 126 — *Sala para vinte puerperas*. 127 — *W. C.* 128 — *Casa de banho e lavatórios*. 129 — *Passagem*. 130 — *Quartos particulares*. 131 — *Casa de banho*. 132 — *Pequena cosinka*. 133 — *W. C.* 134 — *Pateo*.

Nas mansardas, quartos de pessoal de enfermagem, das alumnas parteiras, enfermarias de desaccumulação, arrecadações, etc. (1)

Em 1897, data em que o autor destas páginas começou a freqüentar a aula de partos como aluno do 5.º ano de medicina, ainda a velha Enfermaria de Santa Bárbara mantinha o mesmo número de compartimentos, nem janelas tendo, apenas uns óculos elípticos quási rentes ao tecto. Foi já obra de Alfredo da Costa, e de não somenos importância, a substituição desses olhos por amplas janelas, e o vasto pavimento por soalho à inglesa, adaptando-se alguns compartimentos a uma sala de operações e refeitório, acabando assim as operações na sala de partos e o deplorável hábito de serem servidas as refeições às doentes na própria enfermaria.

Ainda em 1904 pôde o grande professor manter a ilusão de que uma Maternidade ia ser criada em Lisboa.

De facto, a lei de 25 de Novembro de 1904, que autorizava

---

(1) A diferença de nível entre a Rua de S. Lazaro e o terreno onde assentava o edificio da Antiga Escola Médica, tornava o 2.º andar do edificio rez-do-chão para o lado do Hospital de S. José.



a cobrança das receitas do Estado e a sua aplicação às despesas dos serviços públicos no ano económico de 1904-1905, no seu artigo 47.º, n.º 2.º, dizia:

«É o Govêrno autorizado:

- 1.º — .....
- 2.º — A realizar com a Caixa Geral de Depósitos um empréstimo até à quantia de 300 contos de reis, amortisável em trinta anos, para o respectivo produto ser aplicado a obras de hospitalização, especialmente à adaptação do edificio do extinto convento de Santa Marta a um hospital para tratamento de doenças especiais (doenças venéreas), e apropriação do antigo edificio da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa a um hospital de maternidade, devendo ser inscrito no orçamento do Ministério do Reino, durante aquele prazo, a verba de 19.515.432 reis, para juro e amortização do referido empréstimo».

Assinaram esta lei S. M. a Rainha D. Maria Pia, na qualidade de regente do Reino, e os ministros: José Luciano de Castro António Augusto Pereira de Miranda, José Maria de Alpoim, Manuel Afonso de Espregueira, Sebastião Custódio de Sousa Teles, Manuel António Moreira Júnior, António Eduardo Vilaça e Eduardo José Coelho.

Tempos volvidos via Alfredo da Costa, com a máguá que é de supor, esta verba totalmente dispendida na construção de um hospital para doenças venéreas (hoje Hospital Escolar de Santa Marta) e a Maternidade em projecto relegada para as calendas gregas...

Sempre a mesma coisa. Os governos de então sabiam explorar êste interêsse por uma das mais inadiáveis necessidades públicas, utilizando-o como excelente arma política.

Assim, por exemplo, em Setembro de 1910, anunciavam os jornais os *bons propositos* (que como de costume de propósitos nunca passaram) da criação de maternidades, gotas de leite, etc., em Lisboa e Pôrto. Vinham agora por junto, fáceis nas promessas, cada vez mais difíceis nas realizações.

Ao magno problema se referiu então *A Medicina Contemporanea*, no seu n.º 38, 18 de Setembro de 1910, em extenso ar-

tigo de que nos permitimos transcrever as seguintes elucidativas passagens :

Um jornal do governo dá a noticia de alguns projectos de lei referentes a assistencia publica, que serão apresentados na proxima sessão legislativa. Consistem no estabelecimento de :

Duas maternidades em Lisboa e uma no Porto ;

Quatro gotas de leite em Lisboa e duas no Porto ;

Crèches obrigatorias em todas as fabricas ;

Casas maternas junto de todas as fabricas, para custeio das quaes reverterão 3/1000 dos salarios e uma igual importancia paga pelo Estado ;

Mutualidade maternal.

É o systema de conta-gotas que parece ter sido adoptado pelo governo, em questões de administração publica, e é até onde chega o arranco do executivo, n'uma das questões mais graves da nossa economia social, qual é o da assistencia publica. Antes pouco do que nada, dir-se-há ; mas ao menos seja-nos permitido lamentar que em pleno século XX a civilização portugueza esteja tão atrasada que ainda não haja uma organização de assistencia larga e eficaz bastante para que o problema da miseria popular esteja, se não resolvido, pelo menos em via de resolução,

O que é um facto é que a assistencia publica em Portugal está num verdadeiro chaos, sem uma orientação definitiva, sem uma ligação productiva, sem um real sentimento de solidariedade nacional.

Dispensa comentários esta transcrição...

Em 2 de Abril de 1910 falecia o ilustre professor, sem ter visto realiado o seu sonho de tantos anos, para o qual sempre com tanta dedicação e entusiasmo trabalhara.

Mas a sua memória não ficou esquecida, longe disso...

Amigos e admiradores seus logo se juntaram em comissão para estudarem os meios de lhe prestar homenagem, que outra não podia ser mais justa do que a efectivação do sonho de toda a sua vida.

Reüniu essa comissão em 15 de Maio de 1910, sob a presidência do Professor conselheiro Silva Amado, secretariado pelos srs. Prazeres da Costa e Álvaro Pião Lopes, comparecendo os srs. conselheiros Curry Cabral, Profs. Carlos Tavares, Cabeça, Vasconcelos, Monjardino, Costa-Sacadura e António de Azevedo, e justificando por carta a sua forçada ausência o sr. Moreira de



Almeida. Igual justificação foi presente do conselheiro Moreira Júnior, ambos dando todo o seu incondicional apoio à ideia em projecto.

Elegeram-se uma comissão executiva, composta de trez membros, para lhe dar immediato inicio, sendo escolhidos o autor d'este trabalho, o sr. Moreira de Almeida e, como presidente, por proposta do Prof. Carlos Tavares, o então enfermeiro-mór dos hospitais, conselheiro Curry Cabral.

Para a grande comissão iniciadora foram ainda eleitos os srs. Constâncio Roque da Costa e Pinto Machado, médico e jornalista.

Pelo caso muito se interessou a Imprensa, nela se empenharam a secção médica da douta Sociedade de Geografia, tôdas as colectividades médicas, a Faculdade de Medicina, muitos dos ignorados amigos e clientes de Alfredo da Costa, não sendo poucos os que se apressaram a oferecer seus donativos.

A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa não descurova o assunto.

Na sua sessão de 4 de Fevereiro de 1911, em que se discutiram as bases para uma lei de assistência à infância, insistiu na necessidade imprescindível de criar, pelo menos, uma Maternidade.

Na seguinte sessão, tratando-se ainda do mesmo assunto, em 4 do mês seguinte, propuz, o que foi aprovado por unanimidade, que à nova Maternidade fôsse dado o nome do Prof. Alfredo da Costa.

Pouco depois escrevia-me o Prof. Belo de Moraes: "Quando quizer mande o projecto de representação para se mandar escrever e copiar e ir entregar-se como está deliberado."

Na sessão de 30 de Dezembro lembrei que por proposta minha e do sr. Augusto de Vasconcelos tinha ficado resolvido (nove mezes antes) que se instasse junto dos poderes publicos pela criação de uma Maternidade á qual se daria o nome de Alfredo da Costa. Como nada se tivesse feito, insistia por que a Sociedade se interessasse por essa obra que tão necessária se tornava. O momento era azado para a construção, tanto mais que se encontrava á frente do Governo um dos autores da proposta, o prof. Augusto de Vasconcelos.

A resposta a êstes justos reparos foi dada na sessão seguinte (27 de Janeiro de 1912) pelo presidente da Sociedade, o dr. Belo de Moraes :

“Em harmonia com a deliberação da ultima sessão (informava êle) a meza procurou o presidente do Conselho de Ministros para lhe pedir a construção de uma Maternidade em Lisboa, conforme a sua proposta apresentada em tempos á Sociedade. O Prof. Augusto de Vascellos respondeu que tinha o maximo empenho em satisfazer o pedido da Sociedade, pois reputava de primeira necessidade tal instalação, mas que não fôra possível inscrever a verba precisa no orçamento para o proximo ano economico. No entanto, devia acrescentar, o Governo pensa em tomar providencias especiais para acudir á crise operária, sendo então a Maternidade um dos primeiros edificios a levantar.”

Em Maio do mesmo ano a Camara Municipal de Lisboa oficiava á Sociedade mostrando a impossibilidade, por já lhe não pertencerem, da expropriação dos terrenos compreendidos entre o Hospital de Santa Marta e o Manicómio Bombarda para a construção da Maternidade, como alvitrára a comissão encarregada de escolher o local para a constiução deste estabelecimento de assistencia.

Ainda na sessão de 22 de Junho seguinte declarei não tencionar mais ocupar a atenção da Sociedade com o pedido aos poderes publicos da almejada construção da Maternidade, mas — para acentuar ainda a sua imprescindivel necessidade — patenteei uma nota do obituário das crianças na enfermaria de Santa Barbara do Hospital de S. José, que era alguma coisa de horroroso pois a sua mortalidade excedia sensivelmente a de qualquer das Maternidades minhas conhecidas.

Esse obituário, respeitante á estatística do ano anterior (1911), acusava o seguinte negro quadro :



Crianças nascidas:

Vivas .....	820
Mortas .....	100
Ou sejam 10,86 % de nado-mortos	
Falecidos nos primeiros 15 dias	153
Ou sejam.....	18,55 %
Mortalidade global.....	27,50 %!

Em 11 de Novembro de 1912, o Director Geral da Assis-tência, Dr. Augusto Barreto, oficiava (1.<sup>a</sup> Rep. L. 15, n.º 620) ao Director da Faculdade de Medicina, Dr. Belo de Moraes, alvi-trando a adaptação do Asilo de Mendicidade (hoje Hospital de St.º António dos Capuchos) e convidando-o a visitar o edificio e a estudar a sua adaptação. Guardo ainda os respectivos elementos de estudo indicando a aplicação de cada dependência para uma Maternidade.

Mas... por aqui se ficou...

Assim continuou o serviço de partos de Santa Bárbara, tal como o descreveu Alfredo da Costa em 1906, como se pode ver da planta n.º I, até 1914, ano em que consegui, com uma peque-na verba obtida do Ministério do Interior, algumas modificações, tais como a construção de retretes numa *marquise* junto da en-fermaria, evitando que as arrastadeiras atravessassem o refeitório (Planta II). Mais se obteve: que a sala de operações ficasse junta da sala de trabalho e se adaptasse para consulta externa uma das dependências; que da *marquise* partissem dois largos tubos conductores — um para roupa suja, outro para pensos — a depó-sitos ao nível do rez-do-chão.

Em 1916, consegui ainda que se modificasse a escada ín-greme, tão sugestivamente descrita pelo professor Alfredo da Costa, causa de tantos desastres, arranjando-se um novo gabi-nete para o director e assistentes (Planta III).

Posteriormente o professor Moreira Júnior fez várias tenta-tivas para melhorar as péssimas condições do serviço em que êle ministrava o ensino, mandando elaborar um projecto que não logrou realização.

Só em 1937, pouco depois de o autor dêste trabalho assumir, interinamente, a direcção da Clínica Obstétrica, conseguiu êle que se elaborasse e se efectivasse um plano alargando as dependências do serviço.

Em espaço conquistado aos telhados de uma parte do velho casarão do Hospital de S. José, construiu-se uma sala de anestesia, uma sala de operações com anexos e uma sala de trabalho afastada da enfermaria geral, evitando assim o desastroso efeito moral para as grávidas que esperam a sua vez de sofrerem as dores da Maternidade (Planta actual).

Uma galeria envidraçada permite a passagem dos alunos para a sala dos cursos sem devassarem as enfermarias. Melhoraram-se as condições dos refeitórios, do balneário, do laboratório e da consulta externa.

O serviço de partos de Santa Bárbara nunca poderá ser um bom estabelecimento da especialidade, e muito menos um estabelecimento de ensino, a despeito dêste verdadeiro milagre de remodelação e aproveitamento de espaço .

Mas . . . honrou-se a memória do Mestre, a que no comêço desta sumária descrição se presta merecida homenagem, e cumpriu-se mais um dever de humanidade.

Tanto nos basta.







A fim de arquivar elementos para quem se proponha fazer a história completa das Maternidades de Lisboa aqui reproduzo números estatísticos que reputo valiosos elementos de estudo.

Em primeiro lugar a paciente e laboriosa estatística que elaborei e que nos revela o funcionamento do serviço de partos desde 1792 a 1919, e depois gráficos elucidativos de vários aspectos do serviço até 1914.



## HOSPITAL DE S. JOSÉ

Movimento da população enferma da enfermaria de Santa Bárbara nos anos económicos de 1792-1793 a 1918-1919

Anos económicos	Existiam em 1 de Julho	Entraram		Sairam			Ficaram existindo em 30 de Junho	Existência média diária	Mortalidade sobre 100 doentes tratadas	Dias de tratamento	Doentes tratadas	Demora média de cada doente
		Por admisão	Por transferência	Com alta	Transferidas	Falecidas						
1792-1793	—	94	—	69	—	6	19	18,85	6,38	4.185	94	44,52
1793-1794	19	174	—	107	—	4	22	22,90	2,07	8.360	193	43,31
1794-1795	22	174	—	176	—	5	15	22,68	2,55	8.279	196	42,24
1795-1796	15	188	—	176	—	8	19	26,96	3,94	9.866	203	48,60
1796-1797	19	164	—	167	—	1	15	24,11	0,55	8.798	183	48,08
1797-1798	15	175	—	160	—	7	23	23,42	3,68	8.571	190	45,11
1798-1799	23	155	—	155	—	4	19	19,42	2,25	7.087	178	39,82
1799-1800	19	169	—	159	—	2	27	21,57	1,46	7.893	188	41,98
1800-1801	27	179	—	177	—	4	25	21,74	1,94	7.955	206	38,62
1801-1802	25	174	—	166	—	3	30	23,06	1,50	8.418	199	42,30
1802-1803	30	163	—	166	—	2	25	20,86	1,03	7.616	193	39,46
1803-1804	25	150	—	158	—	2	15	21,60	1,14	7.907	175	45,18
1804-1805	15	188	—	180	—	—	23	23,37	—	8.530	203	42,02
1805-1806	23	170	—	166	—	5	22	23,73	2,59	8.662	193	44,88
1806-1807	22	138	—	132	—	2	26	25,81	1,25	9.423	160	58,89
1807-1808	26	207	—	201	—	2	30	32,83	0,86	12.017	233	51,57
1808-1809	30	175	—	171	—	3	31	26,87	1,46	9.810	205	47,85
1809-1810	31	182	—	185	—	1	27	28,46	0,46	10.390	213	48,77
1810-1811	27	175	—	174	—	7	21	27,04	3,46	10.089	202	40,94
1811-1812	21	140	—	130	—	7	24	24,50	4,34	8.969	161	55,70
1812-1813	24	189	—	185	—	6	22	28,71	2,81	10.482	213	49,21
1813-1814	22	161	—	149	—	6	28	26,92	3,27	9.826	183	53,69
1814-1815	28	162	—	156	—	4	30	28,94	2,10	10.565	190	55,60
1815-1816	30	140	—	125	—	7	38	31,91	4,11	11.680	170	68,70
1816-1817	38	171	—	164	—	6	39	34,74	2,87	12.683	209	60,68
1817-1818	39	164	—	161	—	10	32	33,99	4,92	12.409	203	61,12
1818-1819	32	189	—	181	—	5	35	34,64	2,26	12.643	221	57,20
1819-1820	35	179	—	177	—	6	31	37,77	2,80	13.827	214	64,61
1820-1821	31	183	—	168	—	9	37	35,47	4,20	12.949	214	60,40
1821-1822	37	174	—	171	—	6	34	34,86	2,84	12.726	211	60,31
1822-1823	34	201	—	196	—	13	26	33,29	5,53	12.153	235	51,71
1823-1824	26	219	—	203	—	7	35	34,03	2,85	12.455	245	50,83
1824-1825	35	245	—	226	—	11	43	38,42	3,92	14.024	280	50,08
1825-1826	43	214	—	208	—	10	39	39,82	3,89	14.535	257	56,55
1826-1827	39	181	—	165	—	18	37	36,40	8,18	13.287	220	60,39
1827-1828	37	201	—	193	—	9	36	34,08	3,84	12.473	238	52,40
1828-1829	36	203	—	206	—	6	27	33,23	2,51	12.130	239	50,75
1829-1830	27	224	—	211	—	7	33	33,62	2,78	12.272	251	48,89
1830-1831	33	202	—	211	—	1	23	30,47	0,42	11.124	235	47,33
1831-1832	23	218	—	212	—	5	24	25,55	2,07	9.354	241	38,81
1832-1833	24	236	—	231	—	13	16	25,82	5,00	9.423	260	36,24
1833-1834	16	172	—	171	—	3	14	19,06	1,59	6.956	188	37,60
1834-1835	14	178	—	175	—	1	16	17,86	0,52	6.521	192	33,96
1835-1836	16	241	—	224	—	1	32	22,15	0,39	8.108	257	31,55
1836-1837	32	231	—	230	—	6	27	26,95	2,28	9.838	263	37,40
1837-1838	27	218	—	215	—	5	25	22,71	2,04	8.291	245	33,84
1838-1839	25	191	—	189	—	2	25	22,03	0,92	8.040	216	37,22
1839-1840	25	202	—	198	—	4	25	24,75	1,76	9.059	227	39,90
1840-1841	25	248	—	240	—	6	27	30,74	2,20	11.221	273	41,10
1841-1842	27	269	—	264	—	10	22	33,12	3,38	12.089	296	40,84
1842-1843	22	269	—	255	—	9	27	33,83	3,09	12.349	291	42,43
1843-1844	27	268	—	254	—	4	37	38,56	1,35	14.115	295	47,84
1844-1845	37	273	—	273	—	4	33	38,48	1,29	14.048	310	45,31
1845-1846	33	281	—	283	—	5	26	30,60	1,59	11.169	314	35,57
1846-1847	26	357	—	327	—	9	47	40,06	2,85	14.623	383	38,18
1847-1848	47	324	—	345	—	3	23	34,41	0,81	12.593	371	33,94
1848-1849	23	307	—	287	—	19	24	26,81	5,75	9.786	330	29,65
1849-1850	24	279	—	279	—	6	18	25,23	1,98	9.208	303	30,89
1850-1851	18	292	—	282	—	5	23	22,85	1,61	8.340	310	26,90
1851-1852	23	285	—	273	—	12	23	30,40	3,89	11.126	308	36,12
1852-1853	23	244	2	234	10	6	19	24,98	2,23	9.118	269	33,89
1853-1854	19	301	1	283	10	2	26	28,40	0,62	10.366	321	32,29
1854-1855	26	368	—	350	13	3	29	33,64	0,76	12.281	394	31,17
1855-1856	29	476	1	448	11	7	40	36,62	1,38	13.404	506	26,49
1856-1857	40	536	—	537	38	13	38	43,63	2,11	17.732	626	28,35
1857-1858	38	549	1	551	10	4	23	47,80	0,68	17.449	588	29,67
1858-1859	23	673	4	638	34	7	21	47,05	1,00	17.175	700	24,50
1859-1860	21	757	1	694	43	7	35	45,32	0,89	16.586	779	21,29
1860-1861	35	801	1	751	42	10	34	55,95	1,18	20.424	837	24,40
1861-1862	34	719	1	682	20	16	36	47,21	2,12	17.232	754	22,85
1862-1863	36	410	—	418	10	6	12	20,23	1,34	7.385	446	16,56
1863-1864	12	334	—	324	5	3	14	15,83	0,86	5.796	346	17,34
1864-1865	14	401	—	380	14	4	17	22,37	0,96	8.167	415	19,67
1865-1866	17	308	2	281	37	3	6	16,44	0,91	6.000	327	18,34
1866-1867	6	387	—	331	29	3	30	19,30	0,76	7.047	393	17,93
1867-1868	30	368	2	308	54	9	29	18,53	2,25	6.781	400	16,95



1824-1825	35	245	--	226	--	11	43	38,42	3,92	14.024	280	50,08
1826-1826	43	214	--	208	--	10	39	39,82	3,89	14.535	257	56,55
1826-1827	39	181	--	165	--	18	37	36,40	8,18	13.287	220	60,39
1827-1828	37	201	--	193	--	9	36	34,08	3,84	12.473	238	52,40
1828-1829	36	208	--	206	--	6	27	33,23	2,51	12.130	239	50,75
1829-1830	27	224	--	211	--	7	33	33,62	2,78	12.272	251	48,89
1830-1831	33	202	--	211	--	1	23	30,47	0,42	11.124	235	47,33
1831-1832	23	218	--	212	--	5	24	25,55	2,07	9.354	241	38,81
1832-1833	24	236	--	231	--	13	16	25,82	5,00	9.423	260	36,24
1833-1834	16	172	--	171	--	3	14	19,06	1,59	6.956	188	37,60
1834-1835	14	178	--	175	--	1	16	17,86	0,52	6.521	192	33,96
1835-1836	16	241	--	224	--	1	32	22,15	0,39	8.108	257	31,55
1836-1837	32	231	--	230	--	6	27	26,95	2,28	9.838	263	37,40
1837-1838	27	218	--	215	--	5	25	22,71	2,04	8.291	245	33,84
1838-1839	25	191	--	189	--	2	25	22,03	0,92	8.040	216	37,22
1839-1840	25	202	--	198	--	4	25	24,75	1,76	9.059	227	39,90
1840-1841	25	248	--	240	--	6	27	30,74	2,20	11.221	273	41,10
1841-1842	27	269	--	264	--	10	22	33,12	3,38	12.089	296	40,84
1842-1843	22	269	--	255	--	9	27	33,83	3,09	12.349	291	42,43
1843-1844	27	268	--	254	--	4	37	38,56	1,35	14.115	295	47,84
1844-1845	37	273	--	273	--	4	33	38,48	1,29	14.048	310	45,31
1845-1846	33	281	--	283	--	5	26	30,60	1,59	11.169	314	35,57
1846-1847	26	357	--	327	--	9	47	40,06	2,35	14.623	383	38,18
1847-1848	47	324	--	345	--	3	23	34,41	0,81	12.593	371	33,94
1848-1849	23	307	--	287	--	19	24	26,81	5,75	9.786	330	29,65
1849-1850	24	279	--	279	--	6	18	25,23	1,98	9.208	303	30,39
1850-1851	18	292	--	282	--	5	23	22,85	1,61	8.340	310	26,90
1851-1852	23	285	--	278	--	12	23	30,40	3,89	11.126	308	36,12
1852-1853	23	244	2	234	10	6	19	24,98	2,23	9.118	269	33,89
1853-1854	19	301	1	283	10	2	26	28,40	0,62	10.366	321	32,29
1854-1855	26	368	--	350	12	3	29	33,64	0,76	12.281	394	31,17
1855-1856	29	476	1	448	11	7	40	36,62	1,38	13.404	506	26,49
1856-1857	40	586	--	537	38	13	38	43,63	2,11	17.752	626	28,35
1857-1858	38	549	1	551	10	4	23	47,80	0,68	17.449	588	29,67
1858-1859	23	673	4	638	34	7	21	47,05	1,00	17.175	700	24,50
1859-1860	21	757	1	694	43	7	35	45,32	0,89	16.586	779	21,29
1860-1861	35	801	1	751	42	10	34	55,95	1,18	20.424	837	24,40
1861-1862	34	719	1	682	20	16	36	47,21	2,12	17.232	754	22,85
1862-1863	36	410	--	418	10	6	12	20,23	1,34	7.385	446	16,56
1863-1864	12	334	--	324	5	3	14	15,83	0,86	5.796	346	17,34
1864-1865	14	401	--	380	14	4	17	22,37	0,96	8.167	415	19,67
1865-1866	17	308	2	281	37	3	6	16,44	0,91	6.000	327	18,34
1866-1867	6	387	--	331	29	3	30	19,30	0,76	7.047	393	17,93
1867-1868	30	368	2	308	54	9	29	18,53	2,25	6.781	400	16,95



Anos económicos	Existiam em 1 de Julho	Entraram		Saíram			Ficaram existindo em 30 de Junho	Existência média diária	Mortalidade sobre 100 doentes tratadas	Dias de tratamento	Doentes tratadas	Demora média de cada doente
		Por admisão	Por transferência	Com alta	Transferidas	Falecidas						
1868-1869	29	379	—	356	9	8	35	33,74	1,96	12.317	408	30,18
1869-1870	35	382	—	364	20	7	26	32,78	1,68	11.967	417	28,69
1870-1871	26	388	—	370	8	7	29	32,14	1,69	11.732	414	28,34
1871-1872	29	350	—	345	10	6	18	32,15	1,58	11.766	379	31,04
1872-1873	18	306	—	285	16	4	19	23,73	1,23	8.663	324	26,73
1873-1874	19	345	—	306	22	7	29	26,89	1,92	9.816	364	26,96
1874-1875	29	343	—	327	10	7	28	40,45	1,88	14.765	372	39,69
1875-1876	28	310	—	273	19	9	37	38,16	2,66	13.966	338	41,32
1876-1877	37	349	—	327	8	6	45	43,03	1,55	15.708	386	40,69
1877-1878	45	344	4	325	24	2	42	45,12	0,51	16.472	393	41,91
1878-1879	42	417	1	401	24	1	34	46,93	0,22	17.132	460	37,24
1879-1880	34	418	4	390	23	3	40	44,47	0,66	16.277	456	35,69
1880-1881	40	445	2	410	21	4	52	40,09	0,82	16.458	487	33,97
1881-1882	52	484	1	464	20	3	50	55,57	0,56	20.284	537	37,77
1882-1883	50	497	2	450	30	2	67	64,02	0,36	23.368	549	42,56
1883-1884	67	518	2	480	39	—	68	70,12	—	25.664	587	43,72
1884-1885	68	526	3	487	25	5	80	68,35	0,84	24.949	597	41,97
1885-1886	80	520	—	477	30	9	84	61,69	1,50	24.707	600	67,69
1886-1887	84	539	1	496	40	10	78	78,06	1,69	28.493	624	45,66
1887-1888	78	564	5	507	66	11	63	74,14	1,70	27.156	647	41,97
1888-1889	63	589	1	492	90	9	62	71,07	1,37	25.943	653	39,72
1889-1890	62	589	5	477	117	1	61	67,68	0,15	24.704	656	37,65
1890-1891	61	623	—	437	194	3	50	55,43	0,44	20.232	684	23,57
1891-1892	50	708	38	542	208	2	44	51,77	0,25	18.951	796	23,89
1892-1893	44	680	30	579	139	7	29	44,75	0,92	16.335	754	21,66
1893-1894	29	725	39	609	134	10	40	53,31	1,26	19.459	793	24,53
1894-1895	40	791	58	622	219	7	41	54,80	0,78	20.003	889	22,27
1895-1896	41	734	102	605	231	4	37	57,13	0,45	20.910	877	23,84
1896-1897	37	744	95	537	283	2	54	57,06	0,22	20.829	876	23,77
1897-1898	54	774	117	641	238	8	58	57,30	0,84	20.913	945	22,13
1898-1899	58	850	96	779	162	14	49	59,22	1,39	21.617	1.004	21,53
1899-1900	49	896	54	835	100	7	60	50,11	0,69	18.287	1.002	18,25
1900-1901	60	777	208	875	96	10	64	58,16	0,95	21.232	1.045	20,31
1901-1902	64	466	444	866	50	12	46	50,94	1,23	18.594	974	19,08
1902-1903	46	534	371	852	31	17	51	50,47	1,78	18.422	951	19,37
1903-1904	51	493	378	837	30	12	43	53,27	1,30	19.497	922	21,14
1904-1905	43	495	360	823	16	13	46	53,65	1,44	19.583	898	21,80
1905-1906	46	529	335	813	22	20	55	56,96	2,19	20.788	910	22,84
1906-1907	55	534	375	861	55	7	41	52,80	0,72	19.272	964	19,99
1907-19.8	41	545	408	882	35	23	54	51,01	2,31	18.672	994	18,78
1908-1909	54	606	361	891	64	16	50	54,02	1,56	19.719	1.021	19,31
1909-1910	50	579	411	922	53	1	49	53,93	1,53	19.686	1.040	18,92
1910-1911	49	571	447	931	57	21	58	54,24	1,96	19.801	1.067	18,55
1911-1912	58	596	405	927	58	19	55	56,61	1,79	20.718	1.059	19,62
1912-1913	55	611	335	835	37	24	55	53,45	2,39	19.511	1.001	19,49
1913-1914	55	562	403	900	69	14	37	46,36	1,37	16.920	1.020	16,58
1914-1915	37	623	370	904	65	11	50	48,68	1,06	17.771	1.030	17,25
1915-1916	50	587	323	841	47	22	50	45,79	2,29	16.759	960	17,45
1916-1917	50	669	271	869	58	22	41	44,92	2,22	16.397	990	16,56
1917-1918	41	581	242	774	37	12	41	40,54	1,38	14.797	864	17,12
1918-1919	41	491	174	622	35	14	35	32,32	1,98	11.798	706	16,71



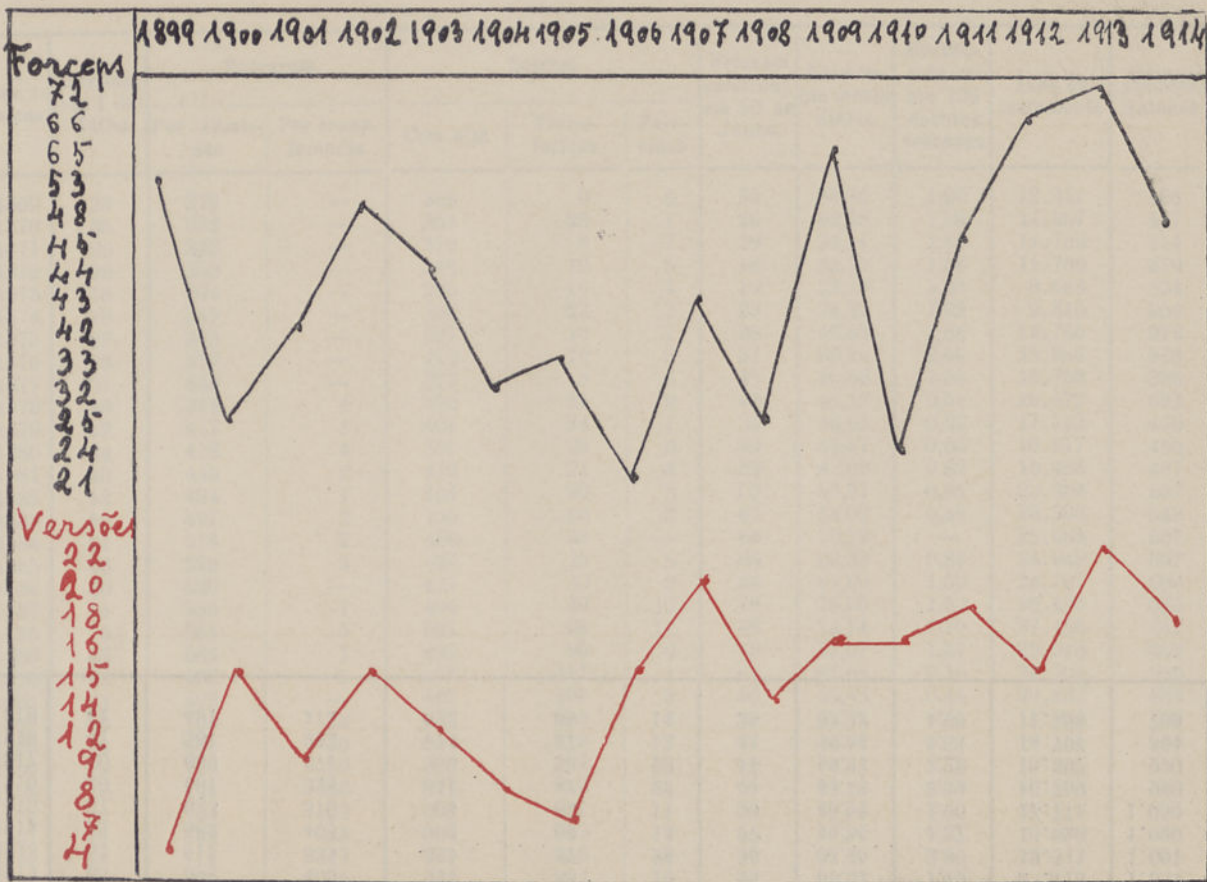
1905-1906	46	529	335	813	22	20	55	56,96	2,19	20.788	910	22,84
1906-1907	55	534	375	861	55	7	41	52,80	0,72	19.272	964	19,99
1907-19.8	41	545	408	882	35	23	54	51,01	2,31	18.672	994	18,78
1908-1909	54	606	361	891	64	16	50	54,02	1,56	19.719	1.021	19,31
1909-1910	50	579	411	922	53	1	49	53,93	1,53	19.686	1.040	18,92
1910-1911	49	571	447	931	57	21	58	54,24	1,96	19.801	1.067	18,55
1911-1912	58	596	405	927	58	19	55	56,61	1,79	2.718	1.059	19,62
1912-1913	55	611	335	885	37	24	55	53,45	2,39	19.511	1.001	19,49
1913-1914	55	562	403	900	69	14	37	46,36	1,37	16.920	1.020	16,58
1914-1915	37	623	370	904	65	11	50	48,68	1,06	17.771	1.030	17,25
1915-1916	50	587	323	841	47	22	50	45,79	2,29	16.759	960	17,45
1916-1917	50	669	271	869	58	22	41	44,92	2,22	16.397	990	16,56
1917-1918	41	581	242	774	37	12	41	40,54	1,38	14.797	864	17,12
1918-1919	41	491	174	622	35	14	35	32,32	1,98	11.798	706	16,71

WYKONANIE PRACY W ZAKŁADACH WYCHOWAWCZO-EDUKACYJNYCH  
 W LECYONACH I WYKONANIU PRACY W ZAKŁADACH WYCHOWAWCZO-EDUKACYJNYCH



FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA. — OBSTETRÍCIA

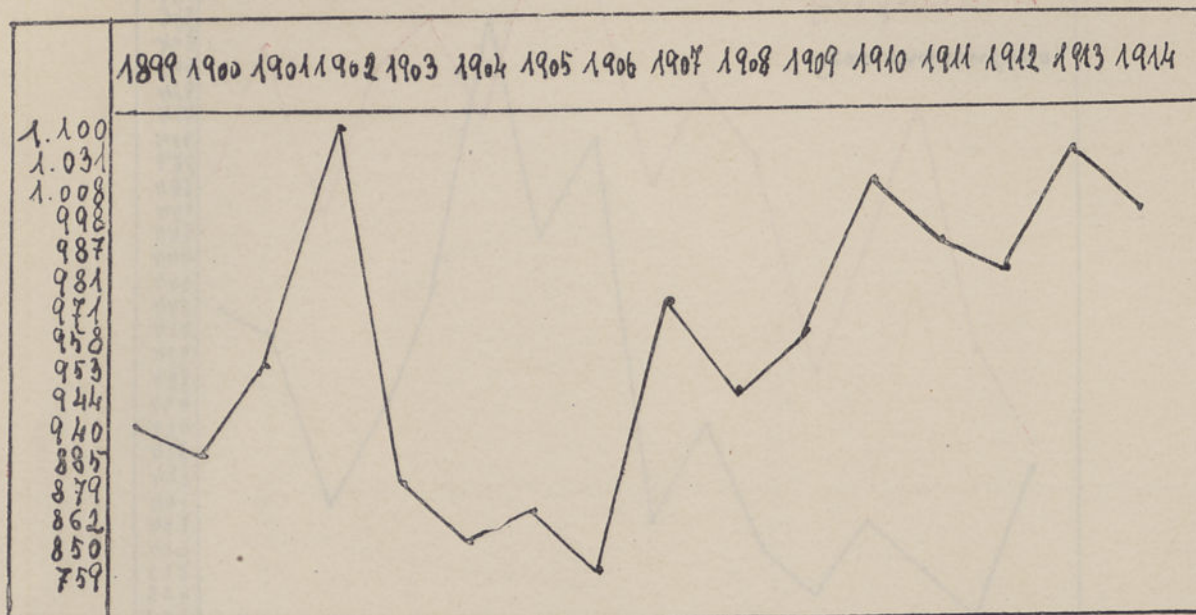
MATERNIDADE DE S.TA BÁRBARA — HOSPITAL DE S. JOSÉ — FORCEPS E VERSÕES, 1899 a 1914



Dezembro de 1914

C. Sacadura  
1.º Assistente

UNIVERSIDADE DE LISBOA — FACULDADE DE MEDICINA — OBSTETRÍCIA  
 GRÁVIDAS ENTRADAS NA MATERNIDADE DE S.<sup>TA</sup> BÁRBARA — HOSPITAL DE S. JOSÉ — 1899 a 1914

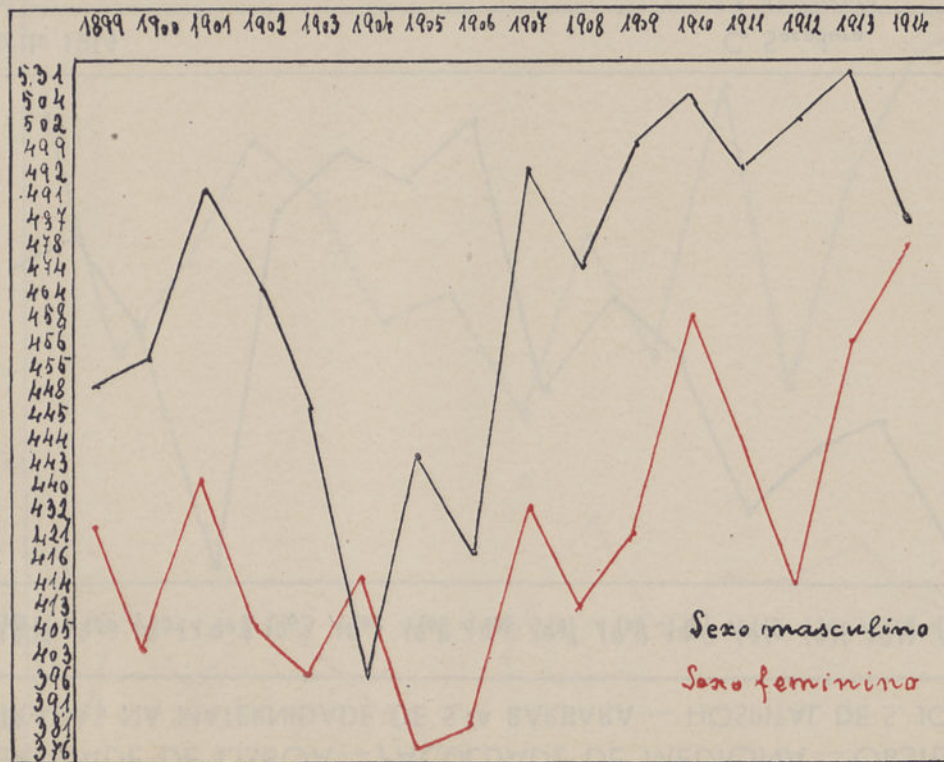


Dezembro de 1914

C. Sacadura  
 1.º Assistente

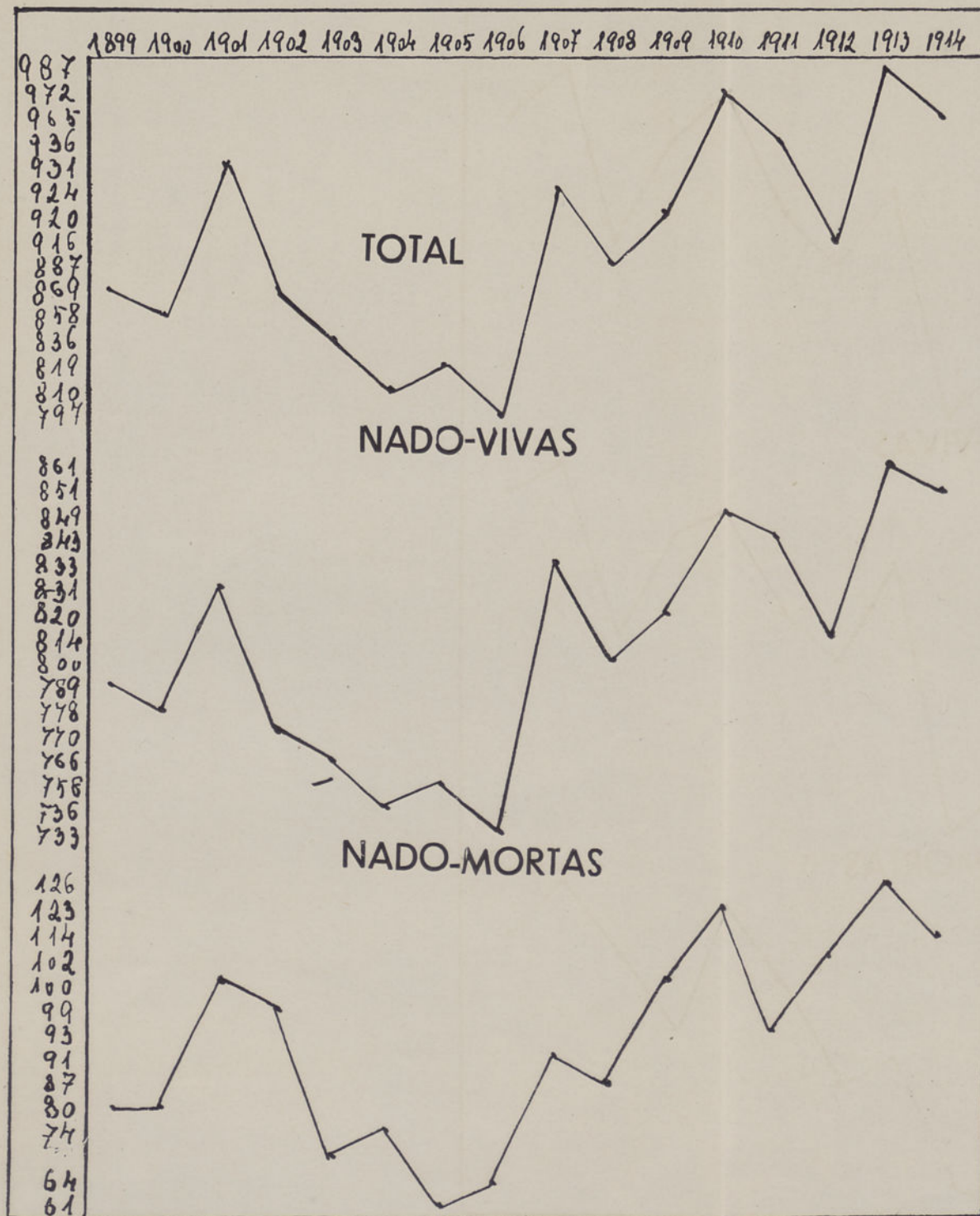


UNIVERSIDADE DE LISBOA — FACULDADE DE MEDICINA — OBSTETRÍCIA  
 GRUPO COMPARATIVO DE NATALIDADE POR SEXOS NA MATERNIDADE DE S.TA BÁRBARA



Dezembro de 1914

C. Sacadura  
 1.º Assistente



Dezembro de 1914

C. Sacadura

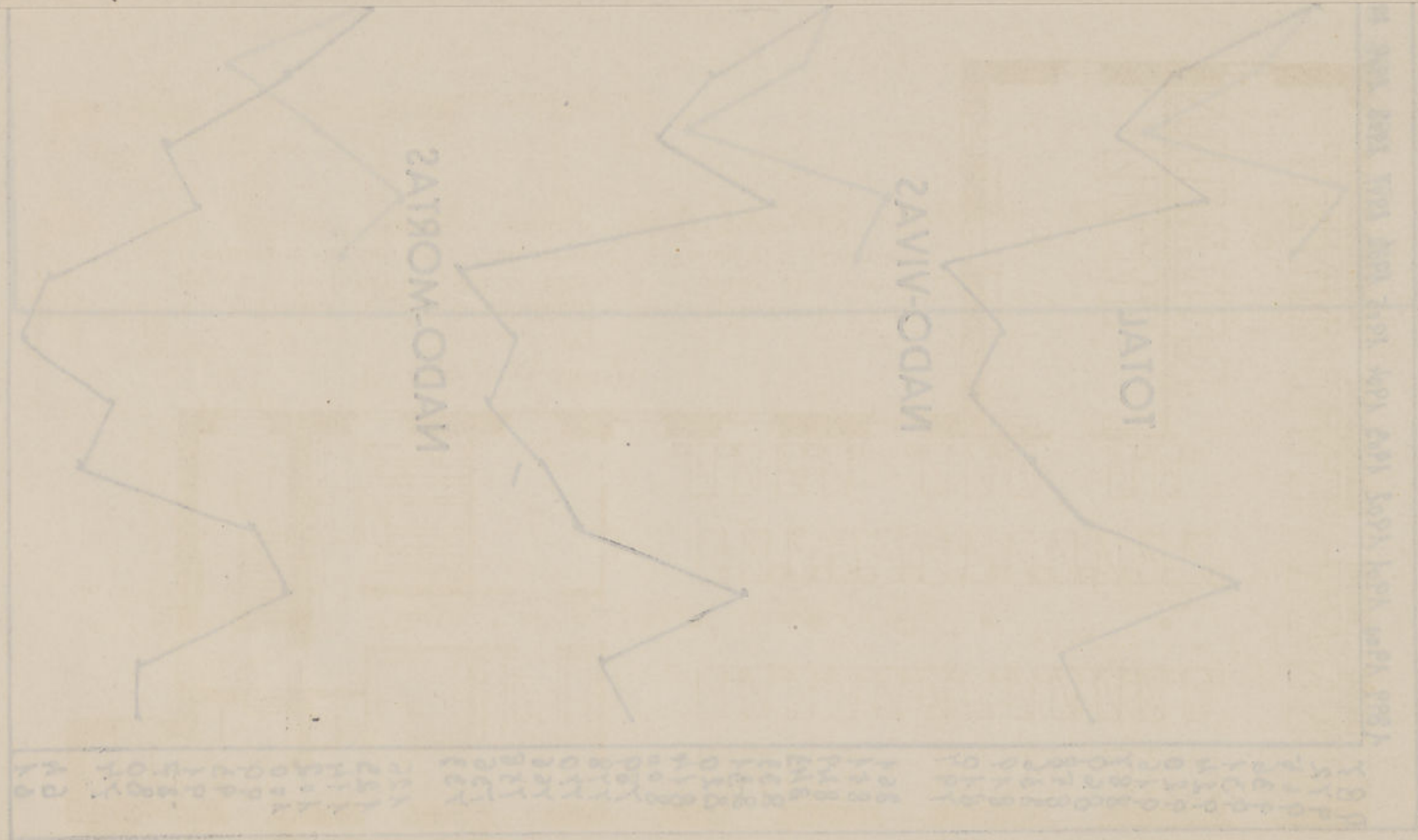
1.º Assistente



UNIVERSIDADE DE LISBOA — FACULDADE DE MEDICINA — OBSTETRÍCIA

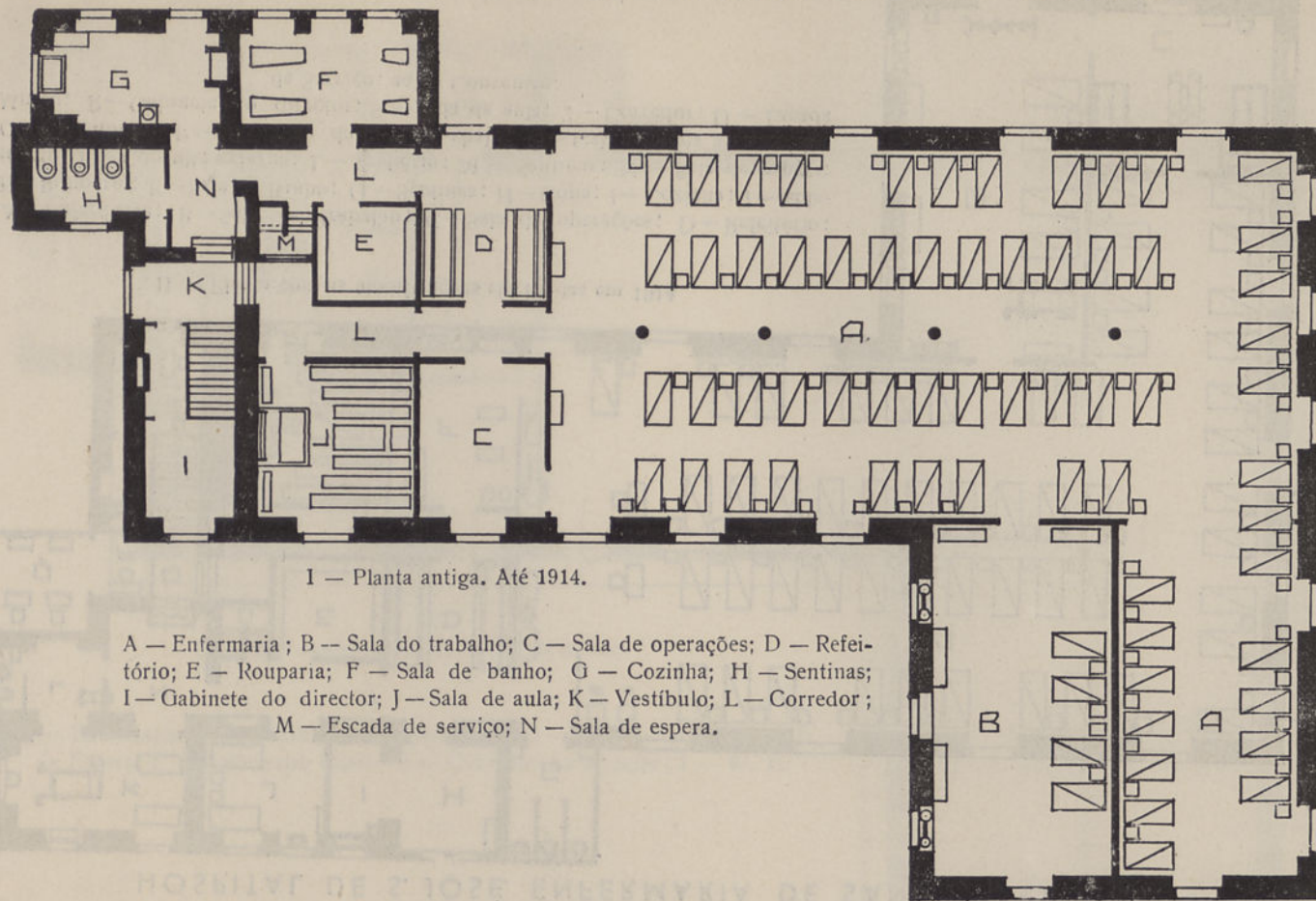
C. S. S. S. S.

Desempenho de 1914



UNIVERSIDADE DE LISBOA — FACULDADE DE MEDICINA — OBSTETRÍCIA

HOSPITAL DE S. JOSÉ. ENFERMARIA DE SANTA BÁRBARA

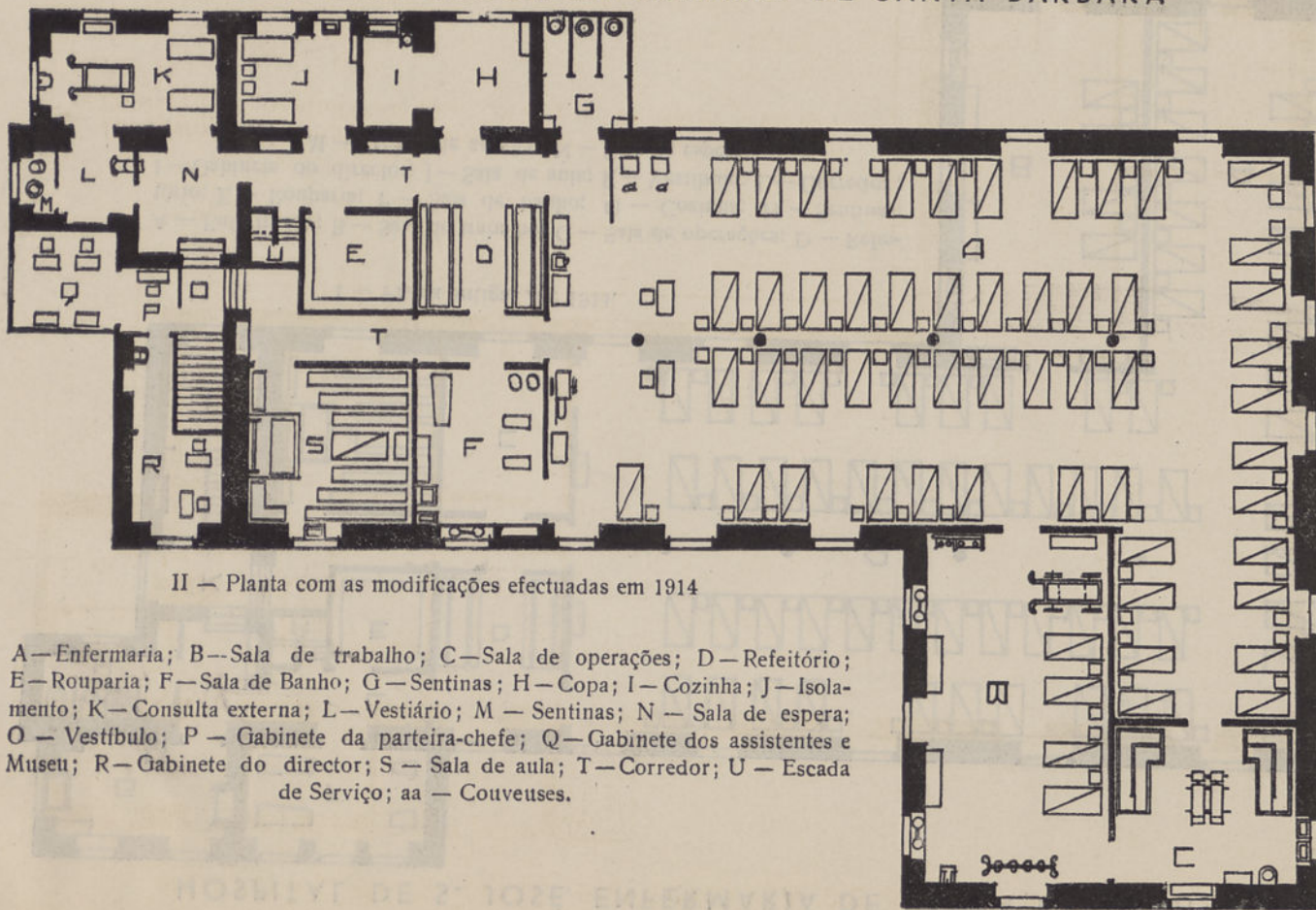


I — Planta antiga. Até 1914.

A — Enfermaria; B — Sala do trabalho; C — Sala de operações; D — Refei-  
tório; E — Rouparia; F — Sala de banho; G — Cozinha; H — Sentinas;  
I — Gabinete do director; J — Sala de aula; K — Vestíbulo; L — Corredor;  
M — Escada de serviço; N — Sala de espera.



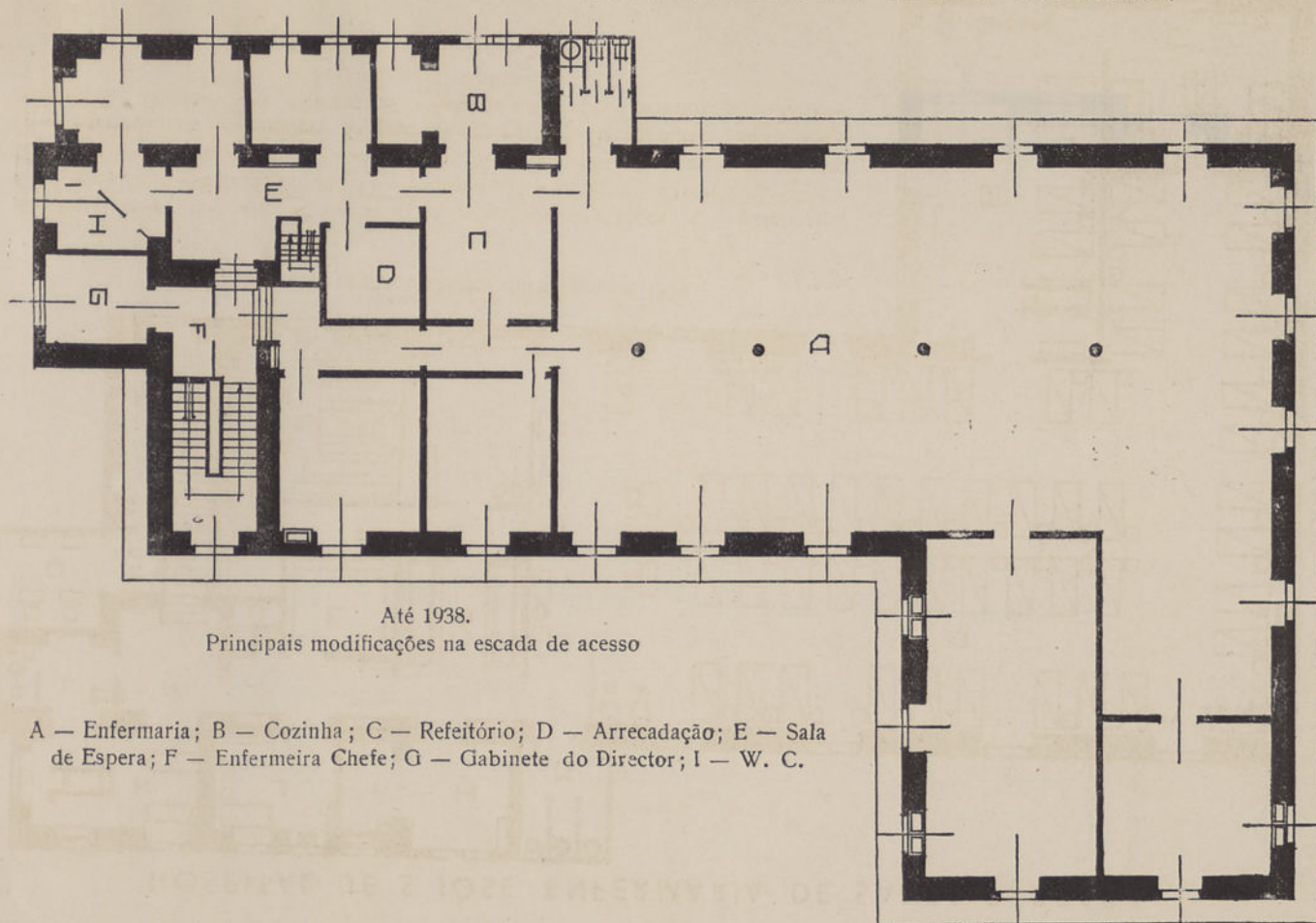
# HOSPITAL DE S. JOSÉ. ENFERMARIA DE SANTA BÁRBARA



II — Planta com as modificações efectuadas em 1914

A—Enfermaria; B—Sala de trabalho; C—Sala de operações; D—Refeitório;  
 E—Rouparia; F—Sala de Banho; G—Sentinas; H—Copa; I—Cozinha; J—Isola-  
 mento; K—Consulta externa; L—Vestiário; M—Sentinas; N—Sala de espera;  
 O—Vestíbulo; P—Gabinete da parteira-chefe; Q—Gabinete dos assistentes e  
 Museu; R—Gabinete do director; S—Sala de aula; T—Corredor; U—Escada  
 de Serviço; aa—Couveuses.

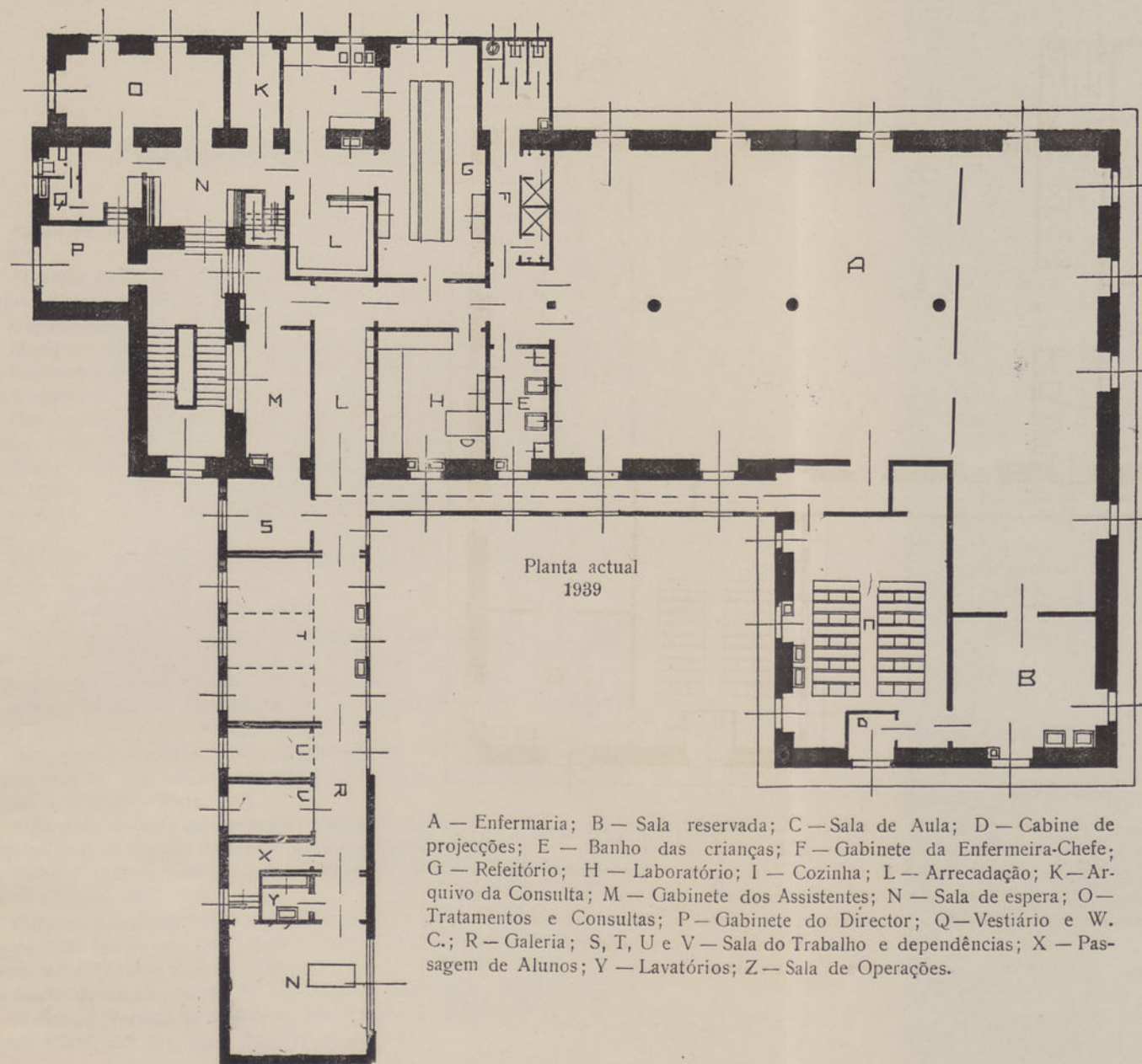
# HOSPITAL DE S. JOSÉ. ENFERMARIA DE SANTA BÁRBARA







# HOSPITAL DE S. JOSÉ. ENFERMARIA DE SANTA BÁRBARA



Nota — Esta planta foi ligeiramente modificada na sua execução para dar maior independência aos serviços.





## PUBLICAÇÕES DO AUTOR

*Aplicação do azul de metilene à semiologia.* — Tese inaugural — Lisboa, 1898.

*Algumas lições do professor Sousa Martins.*—Revista Portuguesa de Medicina e Cirurgia Práticas, Vol. III e Vol. IV — Lisboa, 1898.

*Higiene escolar — Educação física* — Lisboa, 1905.

*Quelques considérations sur les dimensions de la tête du fœtus à terme* — Communication à la XIII section du XV Congrès International de Médecine à Lisbonne — Avril, 1906 (Section d'obstétrique et gynécologie).

*Des ouvrages d'hygiène scolaire parus en Portugal de Janvier 1904 à Juillet 1905* — Internationales Archiv für Schulhygiene — Leipzig, 1906.

*Breves considerações sobre a higiene das nossas escolas* — Lisboa, Agosto, 1906.

*Atitudes viciosas nas escolas — (Escrita direita e escrita inclinada)* — 1906.

*Questões de higiene escolar* — Comunicação à Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, 1906.

*A tuberculose e a Escola* — 1906.

*A escrita direita e a escrita inclinada — Sua influência na função respiratória* — Relatório apresentado ao IV Congresso da Liga Nacional contra a tuberculose. Secção especial. «A Tuberculose e a Escola» — Pôrto, 1907.

*Higiene escolar* — Conferência aos professores primários de Lisboa — 1907.

*Bibliotecas escolares e doenças contagiosas* — Relatório apresentado ao IV Congresso da Liga Nacional contra a Tuberculose. Secção especial. «A tuberculose e a Escola»—Pôrto, 1907.

*L'Hygiène scolaire en Portugal* — Memória apresentada ao II Congresso Internacional de Higiene Escolar — Londres, Agosto, 1907.

*Parecer sobre o ante-projecto do liceu da 1.ª zona escolar de Lisboa,* (Liceu de Camões) 1907.

*Parecer acerca do horário do liceu da 1.ª zona escolar de Lisboa em vigor no ano lectivo de 1907-1908* — Publicado em apêndice ao *Diário do Governo*, n.º 187, 12 de Maio de 1909.

*Lição de encerramento de um curso de Pedologia e Higiene Escolar feito na Escola Normal de Lisboa no ano lectivo de 1908-1909* — Educação Nacional, Pôrto, n.ºs 700, 701 e 702, Fevereiro, 1910.



*A higiene dos estudantes na família* — Pelo Prof. Leo de Burgerstein, de Viena. Tradução — 1910.

*Regras de higiene para uso dos estudantes* — Pelo Prof. Leo de Burgerstein, de Viena. Tradução — 1910.

*Puericultura ante-natal* — 1910.

*Á memória do Prof. Alfredo da Costa* — 1910.

*Questions d'enseignement au Portugal* — Minerva. Revue international et Polyglotte de Documentation Educative. Belgique. N.º 2, 3<sup>ème</sup> année. Août 1911.

*Protecção à primeira infância* — Na sessão solene da *Associação Protectora da Primeira Infância*, em 25 de Dezembro de 1911.

*A mortalidade infantil na Maternidade de Lisboa* — 1912.

*Mortalidade infantil na enfermaria de Santa Bárbara* — Jornal S. C. M., 1912.

*A idade da puberdade da mulher em Portugal — Estudo médico — Suas relações com a pedagogia* — Trabalho da *Maternidade de Lisboa* — Estatística de 9731 casos, Lisboa, 1912.

*Subsídios para a história da hospitalização das grávidas em Portugal* — 1912.

*Campanha a favor da construção urgente de uma Maternidade em Lisboa com o nome do Dr. Alfredo da Costa* — Medicina Contemporânea — 1910 pag. 152 — 1911 pág. 53, 86, 420 — 1912, pag. 10, 38, 125, 143, 174, 189, 204, 382 e *Jornal da S. S. Med.*

*Necessidade da cultura física* — No *Liceu Pedro Nunes*, de Lisboa, em 1913.

*Influência do estado da visão sobre o desenvolvimento intelectual e físico das crianças* — 1914, Lisboa.

*A natalidade na Maternidade de Santa Bárbara, de 1899 a 1914.*

*Forceps e versões na Maternidade de Santa Bárbara de 1899 a 1914.*

*Quadro comparativo dos nado-vivos, nado-mortos, por sexos, na Maternidade de Santa Bárbara, de 1899 a 1914.*

*População da Maternidade de Santa Bárbara, de 1899 a 1914.*

*A higiene escolar em Portugal* — Na *Atlântida*, n.º 3. Ano I. 1916.

*Colecção de Legislação sobre a Higiene Escolar e Gimnástica desde 4 de Dezembro de 1901 até 3 de Agosto de 1916* — Imprensa Nacional de Lisboa. 1916.

*Esbôço de Reforma dos Serviços de Sanidade Escolar* — No *Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública*. Ano I. N.º 5. 1916.

*Enfermeiras Escolares* — Na *Revista de Educação Geral e Técnica*. 1901.

*Escola Profissional de Enfermagem* — Na *Revista Hospitalar*. Lisboa, 1922.

*O Professor de Educação Física* — Na *Revista de Educação Física*. Lisboa, 1920.

*Rapports sur l'Hôpital de St. Louis des Français* — 1916-1917-1918

1919-1920-1921-1922-1924-1925-1926-1927-1928-1929-1930-1931-1932-1933-1934-1935-1936-1937.

*Lições de Higiene professadas na Escola Normal Primária de Lisboa (Bemfica)* — Apresentadas para efeito de nomeação de professor efectivo e aprovadas pelo respectivo júri — 1122.

*A despopulação de Portugal* — Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, 1923.

*Discurso no encerramento dos trabalhos escolares da Escola Profissional de Enfermagem, em Julho de 1922.*

*Alocução na Sessão Solene Comemorativa do Centenário da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.* 1923.

*A Despopulação em Portugal e o Abôrto Criminoso* — Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, 1923.

*Assistência Social* — Na *Educação Social*. N.º 1. 1924.

*Mobiliário Escolar* — Idem. N.º 1. 1924.

*Eugénica e Puericultura* — Idem. N.º 2. 1924.

*A Medicina e a Sociologia* — Na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. 1924.

*A Sociedade das Ciências Médicas e a Ordem Militar de S. Tiago* — Na Sociedade das Ciências Médicas. 1925.

*Alocução na Sessão Solene Comemorativa do Centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa.* 1925.

*Da Saúde e Higiene do Professor* — Na *Educação Social*. 1926.

*Assistência e Puericultura em Portugal* — Na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. 1926.

*A importância social da saúde e o casamento* — Idem. 1927.

*Discurso na sessão inaugural do III Congresso Nacional de Medicina* — Lisboa. 1928.

*O que não se deve fazer em Obstetrícia* — Nos «Dias Medicos de Evora» — 1929.

*O Abôrto criminoso em Portugal* — Dezembro, 1929.

*A propósito de uma cesariana por eclâmpsia.* — Lisboa. 1930.

*Sobre medicação ocitócica.* — Na Faculdade de Medicina de Madrid, em Fevereiro de 1930.

*O Doutor José António de Almeida (1842-1903)* — Mangualde, 1932.

*Nossa Senhora dos Verdes em Abrunhosa-a-Velha* — 1932.

*O ensino da enfermagem* — Na «Voz do Enfermeiro». 1 de Outubro de 1937.

*Hôpital de St. Louis des Français à Lisbonne* (Détails sur son histoire depuis sa fondation). Lisboa, 1933.

*Subsídios para a História do Hospital de S. Luiz dos Franceses* — Publicação do Instituto Francês de Portugal. 1933.

*A evolução da Obstetrícia* — Lisboa, 1933.

*Um possível caso de doença de Recklinghausen* — Lisboa, 1933.



*Bibliografia Portuguesa de Obstetria — Século XVI e XVII — Lisboa, 1933.*

*Bibliografia Portuguesa de Obstetria — Século XVIII — Lisboa, 1934.*  
*O papel social da parteira.* Palestra realizada na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, em Novembro de 1933. Lisboa, 1935.

*Valor morfológico da placenta. Placentas acessórias. Revisão uterina. Prova da integridade da placenta.* Sep. da «Imprensa Médica». 1935.

*Dados estatísticos do Serviço de Obstetria da Maternidade de Magalhães Coutinho — Album. 1935.*

*Dados estatísticos de Obstetria e Puericultura da Maternidade Dr. Alfredo da Costa — Album, 1935.*

*Dados estatísticos do Serviço de Obstetria e Puericultura — No Arquivo de Obstetria e Ginecologia — 1935.*

*O Valor Social da Saúde. — Lisboa. 1936.*

*Subsídios para a História das Maternidades de Lisboa. Maternidade de Magalhães Coutinho — Lisboa, 1936.*

*Estatística do Movimento da Enfermaria de partos de Santa Bárbara, desde 1792 a 1919 e de 1919 a 1936.*

*Arte e Obstetria — Lisboa 1936.*

*O «Birth Control» ou a limitação voluntária dos nascimentos.* Na «Acção Médica» — Junho, 1936.

*Os grandes vultos da Clínica Hospitalar — Boletim Clínico e de Estatística dos Hospitais Cívicos de Lisboa — N.º 3.*

*Intervenções perigosas no aborto incompleto. A funesta raspagem uterina — Lisboa, 1937.*

*O Aborto Criminoso. Suas Conseqüências — Lisboa. 1937.*

*Arte e Obstetria — Porto. 1938.*

*Alguns aspectos clínicos e Sociais da Obstetria — Puericultura. Consultas pré-natais — Higiene da gestação — Protecção das futuras Mães — 1938.*

*O Valor Social da Maternidade e das Maternidades — Lisboa. 1938.*  
*Saúde e Natalidade — Bens essenciais ao vigor de uma Nação — Viseu. 1938.*

*Um problema hagiográfico. — No «Bazar» — Março de 1938.*

*Profilaxia Seiscentista das pestilências na Capitania de Pernambuco — (No I Congresso da «História da Espansão Portuguesa no Mundo») — Lisboa. 1938.*

*O Berço — Porto. 1938.*

*Dois problemas de assistência (o trabalho da mulher fóra do lar — Parto no domicilio ou nas Maternidades?) — Lisboa. 1938.*

*As Maternidades e a Família — Conferência proferida na Ass. dos Médicos Católicos — Lisboa, 1939.*

*Sur un cas rare de grossesse double — Liège, 1939.*

*Hôpital St. Louis des Français à Lisbonne — 1939.*

#### Em colaboração:

*Quadro optométrico* — organizado pelos médicos Dr. Mário Moutinho e Dr. Costa-Sacadura. Aprovado pelo Ministério de Instrução Pública e mandado adoptar nas Escolas.

*Atitudes Escolares* — série de 12 quadros, organizados por F. de Almeida Moreira e Dr. Costa-Sacadura — Medalha de ouro na Exposição de Arte na Escola, Lisboa, 1906, e Grande Prémio na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

*Normas técnicas, higiênicas e pedagógicas a que devem obedecer os novos edifícios escolares.* Imprensa Nacional. 1914.

*Relatórios e trabalhos da Comissão de Sanidade Escolar nomeada por portaria de 21 de Janeiro de 1918.* (Coligidos e publicados a expensas do presidente da Comissão, Costa-Sacadura).

*A selecção dos alunos sob o ponto de vista fisico* — Relatório ao II Congresso Pedagógico do Ensino Secundário Oficial, em Viseu, pelos Drs. Costa-Sacadura e Pacheco de Miranda.

*A técnica de A. Brouha na reacção de Zondek-Aschheim em medicina comparada.* De colaboração com o prof. Francisco M. Rosa. 1931.

*Repercussão renal da gravidez. Método e Crítica.* Por Costa-Sacadura e Dr. Machado-Macedo — 1936.

*Retentissement rénal de la grossesse et du puerpère. Infection et stase pyélocalicieles. Dynamisme de l'excrétion* (Méthode et critique) par Costa-Sacadura et Machado Macedo — 1937.

*La pratique de la Césarienne — Son intérêt — Ses abus* — par Costa-Sacadura et Cabral-Sacadura. (Progrès Médical -- n.ºs 32 et 33, du 6 et 13 Août, 1938).

#### Em preparação:

*Subsidios para a História das Maternidades de Lisboa — III — Maternidade Abraham Bensaude.*





Composto e impresso no  
LABORATÓRIO MÉDICO  
Cidade de Matão de  
Voto 10 - A - Lisboa



**RÓ  
MU  
LO**  
CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



\*1329679398\*



Composto e impresso na  
IMPrensa MÉDICA  
Calçada do Moinho de  
Vento 10 -- A - Lisboa